

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA - CEFT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

TIAGO SILVEIRA DA SILVA

**ÁLVARO REIS E O PROJETO DE MISSÕES URBANAS
PELO ESFORÇO LEIGO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

São Paulo
2014

TIAGO SILVEIRA DA SILVA

**ÁLVARO REIS E O PROJETO DE MISSÕES URBANAS
PELO ESFORÇO LEIGO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Máspoli de Araújo Gomes.

São Paulo
2014

Silva, Tiago Silveira da

Álvaro Reis e o projeto de missões urbanas pelo esforço leigo na cidade do Rio de Janeiro. Tiago Silveira da Silva. – São Paulo, 2014.

92 f. ; XX cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2014.

1. Protestantismo. 2. Brasil. I. Título

Aprovado em ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes

Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM

Prof. Dr. Ricardo Bitun

Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM

Prof. Dra. Patrícia Pazinato

Universidade de São Paulo - USP

À minha esposa, Márcia Mandarinô Guapyassú da Silva e aos meus filhos: Anna Mandarinô G. da Silva e Matheus Mandarinô G. da Silva pela compreensão e apoio nos momentos em que não estive com eles.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de inspiração e sustento bem presente em todos os momentos dessa caminhada;

À minha esposa Márcia e meus filhos, Anna e Matheus pelo apoio, compreensão e carinho;

À Igreja Presbiteriana do Jd. Guanabara – Ilha do Governador, comunidade amorosa, e seu pastor, Rev. Wladimir Soares de Brito, amigo chegado, que acolheram a mim e minha família;

À Universidade Presbiteriana Mackenzie e todos os professores do curso de Mestrado que me abriram o entendimento e estimularam a pesquisa e o estudo;

Ao Instituto Presbiteriano Mackenzie que me concedeu a bolsa de estudos, sem a qual não conseguiria chegar até o final;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Maspoli por seus direcionamentos, dedicação e compreensão;

Ao Diác. Nelson de Paula, por seu apoio disponibilizando o acervo do CENDOC, na Igreja Presbiteriana do Rio, material precioso;

Ao Rev. Eliezer Bernardes, do Arquivo Histórico da IPB. Com sua simpatia me ajudou a garimpar documentos e livros.

RESUMO

A presente pesquisa de cunho histórico refletirá a respeito da vida e atuação do Rev. Álvaro Emídio dos Reis (1864-1925), analisando seu perfil como pastor presbiteriano, líder e escritor polemista no Rio de Janeiro, no início do séc. XX. Em particular, observar a ênfase que deu à implantação de novas comunidades nos subúrbios do Rio e outras localidades, usando como elemento essencial o trabalho dos leigos de sua igreja.

Procuramos mostrar neste trabalho a carreira de Álvaro Reis como pastor, suas diversas iniciativas dentro da Igreja Presbiteriana do Brasil e as atividades que exerceu ao longo de seu ministério.

Investigamos as origens do movimento de Esforço Cristão e outros movimentos missionários e para-elesiásticos, com objetivos semelhantes, envolvendo os leigos na atividade missionária na segunda metade do séc XIX.

Pesquisamos, em especial, o Esforço Cristão na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, no período do pastorado do Rev. Álvaro Reis e o envolvimento do leigo dessa igreja na atividade de missões urbanas na cidade do Rio de Janeiro, em expansão no início do séc. XX.

Finalmente, procuramos demonstrar que a dinâmica que envolveu os leigos da Igreja Presbiteriana do Rio, em atividades de missões urbanas resultou em diversas novas igrejas que perduram até os dias de hoje.

ABSTRACT

This research on the historic way will reflect about the Rev. Álvaro Emidio dos Reis' (1864-1925) life and acting, analyzing his profile as Presbyterian Pastor, controversialist leader and writer in the city of Rio de Janeiro, in the beginning of XX Century. Particularly, to observe the emphasis that he gave to implant new communities on the suburbs of Rio de Janeiro and other localities, using the work of lay people of his church as essential element.

We sought to show in this essay the Álvaro Reis' career as Pastor, his several initiative inside Brazilian Presbyterian Church and his activities along his ministry.

We investigate the origins of Christian Endeavor movement and others missionary movements and para ecclesiastical, with similar goals, involving lay people in the missionary activity in second half of XIX Century.

We research, in special case, the Christianity Endeavor in Rio de Janeiro Presbyterian Church, in the period of Rev. Alvaro Reis' pastorate and the lay involvement of this church in the activities of urban mission in the Rio de Janeiro city, in expansion in the beginning of XX Century.

Finally, we sought demonstrate the dynamic that involved the lays of Rio de Janeiro Presbyterian Church, in activities of urban mission resulted in several new churches that exist up to today.

SUMÁRIO
ÁLVARO REIS E O PROJETO DE MISSÕES URBANAS
PELO ESFORÇO LEIGO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – REV. ÁLVARO REIS – UMA BREVE BIOGRAFIA	15
Início de vida e formação	15
Pastor, pregador, escritor	17
Um homem de ação	23
Polemista	32
Evangelista Urbano.....	36
CAPÍTULO 2 - O ESFORÇO CRISTÃO – UM MOVIMENTO DE MISSÕES URBANAS.....	38
ACM.....	38
Movimento Voluntário Estudantil	41
Esforço Cristão (Christian Endeavour).....	44
O Esforço Cristão na Igreja Presbiteriana do Rio.....	46
Comissões internas	49
Esforço Cristão Juvenil.....	51
Sociedade Auxiliadora de Senhoras	52
CAPÍTULO 3 – O PROJETO DE MISSÕES URBANAS DE ÁLVARO REIS NO RIO DE JANEIRO DO	
SÉC. XIX	53
Século XIX - O século das luzes	53
Contexto religioso na cidade do Rio de Janeiro pós República	55
A expansão na cidade do Rio de Janeiro	57
A importância do leigo para Álvaro Reis	61
Distribuição de literatura	66
Congregações e Pontos de Pregação	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
BIBLIOGRAFIA	87

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de cunho histórico refletirá a respeito da vida e atuação do Rev. Álvaro Emídio dos Reis (1864-1925), analisando seu perfil como pastor, líder e escritor polemista no Rio de Janeiro, início do séc. XX.

Procuramos pesquisar o movimento do Esforço Cristão e outros movimentos semelhantes que surgiram na segunda metade do séc. XIX e que envolveram os leigos na atividade missionária.

O Rev. Álvaro Reis, aproveitando um grupo já organizado em sua igreja, motivou-os, juntamente com o restante dos membros, a envolverem-se no desafio de iniciar novos pontos de pregação e congregações em diversos subúrbios e bairros da metrópole do Rio de Janeiro. O esforço desses leigos resultou na organização de novas igrejas ao longo dos anos, mesmo após o período do pastorado do Rev. Álvaro.

Procuramos Analisar a atuação de Álvaro Reis como líder protestante dentro da Igreja Presbiteriana, como pastor evangelista e como escritor polemista. Examinar sua atuação fora do país, representando a igreja nacional em Convenções missionárias como Edimburgo e Panamá e Congressos Nacionais e Internacionais.

Constatamos que dentro de suas estratégias de expansão da fé cristã de confissão protestante, a multiplicação de comunidades presbiterianas pelos bairros da cidade era de valor fundamental. Neste aspecto será analisada a importância do esforço dos leigos de sua igreja no cumprimento desse objetivo.

Procuramos apurar a importância do trabalho leigo em movimentos missionários e para-eclésiásticos como a ACM, o Movimento Estudantil Voluntário e o Esforço Cristão (Christian Endeavour). Procuramos identificar como o leigo foi fundamental na implantação dos grupos familiares (congregações) da Igreja Presbiteriana do Rio no pastorado de Álvaro Reis.

Alguns questionamentos foram feitos ao longo da pesquisa: Que tipo de pastor foi o Rev. Álvaro Reis? Em que tipo de atividades se envolveu e quais os resultados alcançados? Como escritor, que tipo de literatura produziu e quais as suas motivações?

Observando os movimentos missionários e para-eclésiásticos surgidos na segunda metade do séc. XIX, como eles influenciaram a caminhada do protestantismo? Como os

leigos da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro no pastorado do Rev. Álvaro Reis foram envolvidos na tarefa de iniciar novos núcleos evangelísticos na cidade do Rio de Janeiro?

Que papel tiveram os leigos, membros da Igreja Presbiteriana do Rio na multiplicação de Congregações que deram origem às novas igrejas? Que tipos de estratégias foram utilizadas na implantação dos chamados pontos de pregação e congregações? Que resultados puderam ser observados?

O trabalho também levanta algumas hipóteses que foram trabalhadas:

1 - A liderança carismática do Rev. Álvaro, sua habilidade como tribuno e a ênfase na evangelização em seu pastorado e nas produções literárias levaram a uma concentração de esforços na proclamação pública da mensagem e em um projeto de missões urbanas envolvendo missionários leigos;

2 – Os movimentos surgidos nos Estados Unidos envolvendo leigos na atividade missionária e eclesiástica se espalharam por vários países, chegando também ao Brasil. Tais movimentos como a YMCA (Yong Men Christian Associates), o Movimento Estudantil Voluntário ou o Christian Endeavour (Esforço Cristão) influenciaram principalmente os jovens de igrejas evangélicas, motivando-os para engajamento com missões estrangeiras e urbanas.

3 – A influência dos movimentos de leigos proporcionou a formação da sociedade de Esforço cristão na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Essa sociedade tinha autonomia financeira, liderança escolhida democraticamente pelos sócios e planejamento estratégico próprio. Se ocupavam principalmente na distribuição de literatura e realização de reuniões de treinamento e espiritualidade com os sócios.

4 - O Rev. Álvaro Reis, no tempo do seu pastorado nesta igreja, mobilizou os sócios do Esforço Cristão para se envolverem na criação de núcleos de evangelismo nas casas, chamados pontos de pregação ou congregações. Os sócios foram transformados em missionários leigos com a responsabilidade pela pregação e ensino nas casas que iam sendo disponibilizadas ou em outras alugadas especificamente para esse fim.

Também os membros da igreja foram estimulados a oferecerem suas casas para acolher esses pontos de pregação e sustenta-los inclusive financeiramente.

5 – Pelo menos 58 pontos de pregação ou congregações foram implantados no Rio de Janeiro e outras cidades nos 28 anos do pastorado de Álvaro Reis na Igreja Presbiteriana do Rio. Desses pontos a grande maioria foi organizada como uma nova igreja presbiteriana.

No trabalho de pesquisa muito nos auxiliou a obra clássica de história do presbiterianismo no Brasil: *História da Igreja Presbiteriana do Brasil* (FERREIRA, 1992). O livro parte desde Simonton e seus primeiros passos no Brasil indo até a reunião do Sínodo de 1903 quando ocorreu a primeira cisão dentro da Igreja Presbiteriana. Dividindo em períodos, não se limita a relatar os fatos, mas faz uma análise do desenvolvimento da Igreja pelas várias regiões do país. Uma atenção especial é devotada aos missionários e pastores, revelando de cada um a biografia e a obra que deixou. Sobre Álvaro Reis apresenta pequena biografia, porém com detalhes importantes colhidos de testemunhas que o autor entrevistou pessoalmente.

Outro clássico da História do protestantismo que foi consultado é *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903)* de Vicente Themudo Lessa (LESSA, 2010). A edição utilizada (2010) já vem com um útil índice de pessoas citadas na obra e assuntos e lugares. Ao contrário do que indica o título do livro, não se limita à Igreja de São Paulo, mas traz informações históricas preciosas sobre a Igreja Presbiteriana em todo o Brasil. Não possui um desenvolvimento linear na narrativa, o que dificulta o acompanhamento dos assuntos, mas é rico em detalhes.

Álvaro Reis é citado mais de 50 vezes em todo o livro e o autor reserva um capítulo para a biografia do mesmo.

Para melhor entendimento do período histórico em que atuou Álvaro Reis, foi consultado: *História Geral da civilização brasileira. Tomo III – O Brasil Republicano* (FAUSTO, 1977) especificamente o primeiro capítulo – Dos governos militares a Prudente – Campos Sales de autoria de Fernando Henrique Cardoso.

Outra obra de História do Brasil que contribuiu para compreensão do contexto é *História do Brasil Nação – Vol 3, A abertura para o Mundo 1889-1930* (SCHWARCZ, 2012). De especial interesse a parte 1 – População e Sociedade de Lilia Schwarcz que vai tratar da absorção dos imigrantes na dinâmica das cidades, a instabilidade econômica nas cidades com a multiplicação da pobreza e rebaixamento social. Ao mesmo tempo uma atmosfera de euforia por parte das novas elites, aspirações de civilização e urbanização, o momento de “ordem e progresso”. Também é visto o crescimento da população estrangeira, as atividades que exerciam e sua influencia num período de crescimento nas cidades.

A maior parte do material analisado veio das fontes primárias, das quais se destacam os artigos publicados no jornal *O Puritano*, fundado pelo Rev. Álvaro Reis em 1899, e os

boletins anuais de relatório da Igreja Presbiteriana do Rio publicados desde o seu primeiro ano de pastorado (1897) até o ano que antecedeu seu falecimento (1924).

Nos relatórios eram narrados os movimentos de início dos novos pontos de pregação, o desenvolvimento ao longo do tempo e aqueles que iam sendo organizados em igreja. Tudo com informações de datas e nomes daqueles que estavam diretamente ligados a essa atividade.

Acreditamos na relevância do trabalho por proporcionar um entendimento da participação e influencia do protestantismo na vida religiosa da sociedade carioca do início do séc XIX. Também por considerar a prática das congregações criadas nas casas, estratégia ainda muito utilizada no protestantismo de um modo geral. Por verificar a evolução dessas reuniões, em termos de frequência e o crescimento da denominação representado nas novas igrejas que foram organizadas.

Academicamente falando, consideramos que o presente trabalho representa uma contribuição, mesmo que inicial, para o estudo deste período ainda pouco explorado na história do protestantismo brasileiro. Procuramos compreender o crescimento dos movimentos de leigos dentro do protestantismo, à partir da segunda metade do séc. XIX e os desdobramentos em iniciativas missionárias e envolvimento com as igrejas locais. A pesquisa traz à luz também a importância das Convenções missionárias de Edimburgo (1910) e Panamá (1916) para a história e práxis do protestantismo brasileiro.

Como pastor presbiteriano e tendo vivido a experiência de plantar igreja, encaro o atual trabalho como contribuição pessoal importante para aplicar na prática pastoral a observação das experiências bem sucedidas, que nos é entregue pela pesquisa histórica.

Na fundamentação bibliográfica desta pesquisa destacam-se obras primárias e secundárias que auxiliarão o estudo proposto.

As referências primárias são os artigos publicados por Álvaro Reis e seus contemporâneos no jornal *O Puritano*, a análise de alguns de seus folhetos, livretos e livros e dos relatórios anuais publicados desde seu primeiro ano de pastorado até o ano anterior à sua morte.

As referências secundárias que dão base a pesquisa estão concentradas nas obras de história do protestantismo já citadas

Themudo Lessa (LESSA, 2010) e Júlio Andrade Ferreira (FERREIRA, 1992) são as obras de base para investigação dos eventos históricos dentro da Igreja Presbiteriana especificamente. Estas obras servem para melhor entendimento da mentalidade dos pastores e acompanhamento da expansão no meio rural e urbano das comunidades presbiterianas. colaboram assim numa análise comparativa das diversas experiências pelo país e a vivência específica da Igreja do Rio no pastorado de Álvaro Reis.

Esta pesquisa parte da abordagem dedutiva, ou seja, uma busca para inferir e extrair de fatos históricos ou princípios, os valores que enriqueçam a presente pesquisa. O procedimento utilizado foi o histórico e comparativo, e as investigações são de caráter teórico e de pesquisa bibliográfica. A base de dados consultada foi o acervo do Arquivo Histórico Presbiteriano em São Paulo/SP, que guarda os números encadernados do jornal “O Puritano” e o acervo do CENDOC (Centro de Documentação) na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, que guarda os relatórios anuais escritos pelo Rev. Álvaro Reis e alguns exemplares de seus livros.

CAPÍTULO 1 – REV. ÁLVARO REIS – UMA BREVE BIOGRAFIA

Início de vida e formação

Nascido em São Paulo em 22 de Março de 1864, Álvaro Emygdio Gonçalves dos Reis, era filho de pais portugueses: Miguel Gonçalves dos Reis e Isabel de Almeida Reis, esta era membro da Igreja Presbiteriana em São Paulo. Júlio Andrade Ferreira nos conta que a mãe de Álvaro o consagrara ao ministério quando este foi batizado (FERREIRA, 1992, p. 325).

Quando menino, estudou na Escola Americana de São Paulo¹, mantida pelo Presbyterian Board of Foreign Missions, em Nova York, a agencia missionária que enviou Simonton ao Brasil.

Um pastor que influenciou a formação de Álvaro Reis foi o Rev. John Boyle². Este foi apresentado ao jovem Álvaro quando era “graxeiro” na estrada de Ferro, fato confirmado ao historiador Júlio Andrade pela própria viúva de Álvaro, conhecida como “D. Mariquinha”:

Um tio de Álvaro, Sr. Lourenço de Almeida, era presbítero em Mogi, e segundo contou-me D^a Mariquinha, viúva de Álvaro, foi ele quem chamou a atenção de Boyle para o rapaz. Que este fora “graxeiro” de estrada de ferro, confirmou-me sua viúva. (FERREIRA, 1992, p. 325)

Preparou-se para o ministério no Colégio Internacional de Campinas que havia sido organizado pelo Rev. George Nash Morton e pelo Rev. Edward Lane³. Ali funcionava um curso Teológico, mantido pela Junta Missionária de Nashville. Fez sua pública Profissão de Fé⁴ com o Rev. Boyle em 29 de outubro de 1882 em Mogi Mirim. Foi transferido para Campinas já candidato ao ministério, sendo depois eleito presbítero na igreja daquela cidade. (FERREIRA, 1992. p. 325)

¹ Escola fundada por Mary Ann Annesley Chamberlain, esposa do Rev. George W. Chamberlain, em 1870 em sua própria casa. Anos mais tarde, veio a ser chamada Mackenzie College, atual Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² Missionário vindo do Sul dos EUA, fez extenso trabalho evangelístico nas fronteiras entre Minas e São Paulo. Foi pastor em Mogi Mirim, mas viajou muito pelo interior até Goiás, criando igrejas. Publicou um Hinário com 604 hinos e várias doxologias. Trinta e sete dos hinos são de sua autoria.

³ Rev. Edward Lane, foi, ao lado do colega George Nash Morton, o primeiro missionário enviado ao Brasil pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUS), a antiga Igreja do Sul. Chegou a Campinas em 1869 e foi o fundador da Igreja Presbiteriana daquela cidade (1870) e do Colégio Internacional (1873) que mais tarde foi transferido para Lavras e denominado Instituto Gammon.

⁴ Declaração através de respostas à perguntas feitas pelo pastor da igreja onde o jovem confirma a sua Fé em Jesus Cristo.

Conheceu sua futura esposa, Maria Fonseca, numa visita à congregação⁵ de Rebouças. Ela mudou-se para Campinas para estudar e continuaram namorando, conforme nos conta Júlio Andrade Ferreira:

“D^a Mariquinha”, como veio a ser conhecida, ela mesma me contou que não passava de seus dezessete anos quando o então “seminarista” Álvaro foi pregar na Congregação de Rebouças e a conheceu. Mudou-se ela para Campinas a fim de estudar, e o namoro continuou através de bilhetes que ele deixava no muro do colégio. Um cartão de 1884, com umas flores, dizia: “Estas flores podem murchar, mas minha amizade será eterna” (FERREIRA, 1992. p. 326)

Casaram-se em Campinas em 21 de agosto de 1886. Celebrou seu casamento o Rev. Edward Lane. Álvaro tinha 22 anos.

Foi licenciado⁶ em 2 de setembro de 1888 pelo presbitério de Campinas e Oeste de Minas, poucos dias antes da organização do 1º Sínodo (06/09/1888). Como era presbítero na Igreja de Campinas, foi enviado a reunião do Sínodo como suplente e assumiu no lugar do seu colega Flaminio Rodrigues que logo se retirou (LESSA, 2010. p. 276, 282).

Neste período de licenciatura já se destacava como evangelista itinerante, devido à influência que recebera do Rev. Edward Lane e do Rev. Boyle em sua formação. No seu campo de evangelização, nos arredores de Mogi Mirim, próximo a Campinas, foram organizadas quatro novas igrejas. (HAHN, 1984, p. 214)

Foi, finalmente, ordenado pastor com a idade de 25 anos, em 2 de setembro de 1889 pelo presbitério⁷ de Minas, na cidade de São João da Boa Vista, sob a presidência de Miguel Torres, fazendo a parênese o Rev. J. B. Howell (LESSA, 2010. p. 291). Este presbitério era recém-organizado, uma transformação do presbitério de Campinas e Oeste de Minas e compunha o novo Sínodo⁸ junto com o presbitério do Rio, de São Paulo e Pernambuco (LESSA, 2010. p. 275, 276, 281)

Residiu e pastoreou a igreja em Mogi-Mirim (onde havia iniciado seus estudos com o Rev. Boyle). Pastor e residente também em Itapira.

⁵ Grupo de pessoas já definido, com número significativo, que se reúne em horários estabelecidos e se prepara para ser organizado em Igreja.

⁶ Cerimônia em que o futuro pastor é designado para uma determinada região e, sob supervisão de um tutor (um pastor mais antigo), ter um período de experiência, espécie de estágio.

⁷ Instituição que reúne igrejas de uma determinada região não muito extensa e promove superintendência sobre elas, ordena pastores e organiza novas igrejas.

⁸ Instituição que reúne Presbitérios em determinada região mais ampla e faz a superintendência sobre eles. Tem entre outras, a função de organizar novos presbitérios.

O início de suas atividades pastorais estava envolvido diretamente com o evangelismo e desde cedo demonstrava suas habilidades como pregador e evangelista, que haveriam de distingui-lo durante toda sua vida:

Desde moço Álvaro Reis se mostrava orador fluente e ardoroso evangelista. Nos seus tempos de Mogiana, residiu na Penha (Itapira) e em São João da Boa Vista. Viajava por Cajuru, a visitar a família Rizzo, e por Mato Grosso de Batatais (Altinópolis), onde residia a família Garcia, fruto também do trabalho de Boyle. Ribeirão Preto, cidade em início e de muita promessa, atraiu também sua atenção (FERREIRA, 1992. p. 326)

O Rev. Álvaro Reis foi formado por missionários do sul dos EUA, iniciou cedo sua carreira de evangelista, viajando pelo interior de Minas e São Paulo, plantando e organizando igrejas. Esta etapa inicial de sua vida foi ambientada no contexto rural, em contato com o homem simples do campo, viajando a cavalo pelas fazendas. Mais tarde, ao assumir o pastorado da Igreja Presbiteriana do Rio, conheceu realidade bem distinta na capital, o contexto urbano, no qual manteve sua vocação de evangelista.

Pastor, pregador, escritor

Álvaro Reis foi um pastor presbiteriano que ainda teve sua formação em parte por acompanhamento de um missionário da Igreja do Sul dos Estados Unidos e, em parte, por uma instituição de ensino (apesar de não ser o seminário oficial). Demonstrava, no entanto, grande bagagem cultural e conteúdo vasto de informação em seus escritos e nas polêmicas que travou com os mais diversos opositores.

Viveu a experiência de fazer missões no meio rural, seguindo o estilo dos missionários desbravadores, que o antecederam e que tiveram em José Manoel da Conceição o grande exemplo. Ao mesmo tempo, foi pastor do meio urbano, procurando uma estratégia apropriada. Estava consciente que a prática do meio rural, experimentada com o homem simples do campo, não se efetivaria no meio urbano. Na capital precisou muito mais da literatura: dos livros, artigos nos jornais, livretos para alcançar a mente dos mais instruídos.

Plantador de igrejas no sertão

No início do seu pastorado deu provas de uma vocação especial por plantação de igrejas.

Participou, neste período, da organização das seguintes igrejas presbiterianas: Espírito Santo do Pinhal, em 10 de agosto de 1890, e São Sebastião da Gramma, em 24 de janeiro de 1891. Estas duas, hoje ligadas à Igreja Presbiteriana Independente.

Em 1893, acompanhando o Rev. Caetano Nogueira Júnior⁹ fez uma viagem ao Triângulo Mineiro e sul de Goiás. O propósito era de organizar em igreja as congregações de Bagagem, Paracatú, Santa Luzia e Araguari (PEREIRA, 2012, p.140). Esta viagem missionária foi detalhada pelo próprio Álvaro em uma sequência de artigos intitulados “Cartas do Sertão” e que foram publicados no jornal “O Estandarte” no período de 30/06/1893 a 23/09/1893.

Saindo de São João da Boa Vista passaram por Ribeirão Preto, margeando Rio Grande, sempre nos trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, muito usada no período de expansão do café pelo interior de São Paulo e Minas. Pararam em Uberaba, 515 km de Campinas, seguindo de cavalo para Bagagem (hoje Estrela do Sul), cerca de 160 km, em direção a Goiás e assim o fizeram até o fim da jornada (O Estandarte, 30/06/1893).

Pelo caminho iam encontrando pessoas, evangelizando, vendendo Bíblias, tomando conhecimento das necessidades pastorais a serem atendidas:

No caminho tivemos o prazer de conversar, como fizemos em Uberaba, sobre o Evangelho em uma fazenda, onde fomos ouvidos com prazer, mimosearam-nos com uma gostosíssima xícara de café e o Lourenço vendera uma Bíblia.

[...] Num lugar chamado cemitério, distante de Santa Ana quatro léguas, apeamos para almoçar. Ali encontramos com uns viajantes vindos de Goiás, que, sabendo que éramos pregadores do Evangelho, contou-nos que além de Santa Luzia de Goiás e pouco distante de Formosa, havia uma família que se tinha declarado republicana (queria dizer crente no Evangelho) há muito tempo, e que os filhos ainda estavam pagãos porque ainda os padres republicanos não tinham chegado lá. (O Estandarte, 08/07/1893)

Aqui podemos ver um pouco da realidade do ambiente rural daquela época, com pouca assistência religiosa, longas distâncias para percorrer, um povo receptivo, que não se importa em ouvir a pregação dos protestantes. Interessante também a relação feita naturalmente pelo povo entre a fé protestante e a ideologia republicana. Os crentes sendo chamados de republicanos, numa clara associação do protestantismo, elemento novo na

⁹ Pastor presbiteriano ordenado em 3 de setembro de 1883, teve seu ministério realizado inteiramente na zona rural, tendo sido pastor em Caldas, Machado e Borda da Mata, e outras no interior de São Paulo. Fez longas viagens missionárias ao Triângulo Mineiro e a Goiás.

sociedade, com o pensamento liberal em oposição ao tradicionalismo da religião ainda marcada pelo padroado e ao regime monarquista.

Seguindo viagem, a organização da igreja de Bagagem se deu num sábado, dia 17/06/1893, com vinte adultos e quinze crianças. Na segunda, dia 19, houve eleição e posse de dois presbíteros e dois diáconos. (O Estandarte, 15/07/1893).

Ficaram alguns dias na cidade e seguiram mais seis dias de viagem, chegando a Paracatú, onde iniciaram os cultos; foi necessário conseguirem o espaço do teatro da cidade para reunirem o grande número de pessoas que compareciam. (O Estandarte, 22/07/1893). No domingo, dia 2 de julho de 1893, organizou-se a igreja de Paracatú com 45 adultos e 37 crianças, sendo eleitos um presbítero e dois diáconos. No domingo seguinte, foram empossados os oficiais e recebidos mais cinco adultos e batizadas mais três crianças. (O Estandarte, 29/07/1893).

Saíram de Paracatú em direção a Santa Luzia (hoje Luziânia), Estado de Goiás. Chegando ali, organizaram a igreja em 16/07/1893 com 79 adultos e 50 crianças e promoveram a eleição e posse de um presbítero e dois diáconos. (O Estandarte, 09/09/1893 e 16/09/1893).

Pararam em uma Fazenda identificada como Retiro, de propriedade de Manoel da Costa Meireles, e aonde já existia uma congregação da recém organizada igreja de Santa Luzia. Ali, no dia 30/07/1893, três adultos foram batizados junto com algumas crianças e também eleitos e empossados um presbítero e dois diáconos. (O Estandarte, 16/09/1893).

Durante o seu pastorado esteve em muitas localidades do interior de São Paulo:

Desde sua licenciatura até 1897, pastoreou as igrejas de Itapira e Mogi-Mirim, visitando os seguintes lugares: Batatais, Mato Grosso de Batatais, Espírito Santo de Batatais, Ribeirão Preto, S. Simão, Cajuru, Casa Branca, Mocóca, S. José do Rio Pardo, Santa Veridiana, Palmeiras, S. João da Boa Vista e arredores de todas essas cidades do Estado de São Paulo. (Souza, 1953, p. 4)

Álvaro Reis conhecia bem a realidade do interior, das fazendas, das estradas poeirentas e das dificuldades enfrentadas pelos missionários pioneiros que optaram pelo caminho do campo e obtiveram recepção no coração do povo. Muitas congregações iam se formando e igrejas precisavam ser organizadas. A maioria com pouca assistência pastoral, dependendo dos missionários itinerantes e todas mantidas no seu dia a dia por leigos que se

esforçavam para fazer os cultos e dar assistência a um povo já desassistido espiritualmente pela Igreja oficial.

Aqui vamos encontrar a escola onde Álvaro Reis forjou seu espírito empreendedor, sua visão das oportunidades, sua perseverança.

Pastor na capital

Foi em 25 de julho de 1896 que foi eleito para o pastorado na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, a 1ª igreja presbiteriana do Brasil, plantada em 1862 pelo missionário pioneiro, Ashbel Green Simonton. A assembleia dos membros reuniu-se às 20h15m, num domingo após o culto. Havia 84 membros presentes e presidia a assembleia o Rev. James Rodgers, que ainda pastoreava a igreja. O Rev. Álvaro Reis foi eleito unanimemente por 84 votos. Foi proposto pela mesa administrativa a cômputo do pastor em quinhentos mil réis mensais, porém, na assembleia o irmão Antonio Jannuzzi propõe que passasse para seiscentos mil réis, o que foi aprovado (Atas da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, 25/06/1896).

Os membros da igreja o conheceram quando em 1893 ali foi realizada uma reunião do Sínodo do Rio de Janeiro. Nesta ocasião, Álvaro Reis pregou um sermão que impressionou a todos os presentes, intitulado “O clamor das pedras”, que foi publicado mais tarde. Quando chegou a ocasião de escolher um pastor para a igreja, o seu nome foi imediatamente lembrado e ele foi eleito por unanimidade.

Tomou posse no pastorado da igreja diante da mesa administrativa no dia 06 de maio de 1897 (Atas da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, 10/05/1897). Ali o Rev. Álvaro permaneceu até a sua morte em 1925, portanto pastoreou por 28 anos aquela igreja.

Desde cedo, se destacou pela oratória. Sendo pastor e precisando pregar muitas vezes nos cultos e reuniões, foi admirado pela sua eloquência e capacidade de atrair a atenção de todos nos auditórios em que pregava seus sermões. O Rev. William Kerr relembra, após a morte de Álvaro Reis, esta característica marcante de seu colega:

Servido de dons oratórios naturais, gestos espontâneos, voz forte, mas suave, de tonalidade muito agradável, o pastor Álvaro, em verdadeiro arroubo de eloquência, num discurso breve, sob o mais profundo silêncio era o alvo de todos os olhares, ocupando a atenção de todo o auditório, que transbordava do amplo salão engalanado da ACM do Rio, deixando no coração dos ouvintes uma profunda impressão da grandeza de Cristo, que

ali nos reunia de tantos lugares diversos e de que o Esforço¹⁰ era um forte sustentáculo. (O Puritano, 1925)

Também seu porte físico e aparência ajudavam:

Alto e esbelto, a cabeça soerguida, a fronte vasta e em que parece errar uma aurora de inspiração, o nariz adunco e ávido, os olhos a fluir as luzes interiores, o semblante iluminado por essas estranhas claridades que aureolavam outrora profetas do Eterno, Álvaro Reis logo empolga e domina a assistência. No ardor da elocução, todas as linhas de sua fisionomia se animam (...).

A ele posto o radiosíssimo talento, a magia da palavra ao serviço do Evangelho, chispas de chama lhe saem da boca e incendeiam o intimo dos corações. (RIBEIRO, 1925, p 3)

Sua capacidade de persuasão foi observada por todos os seus biógrafos. Era dotado de capacidade de usar as palavras e demonstração de entusiasmo para conduzir os seus liderados às tarefas de evangelização:

Álvaro Reis era uma verdadeira fonte de entusiasmo a comunicar entusiasmo aos outros. [...] As suas palavras de apelo soavam qual “Marselhesa”, despertando as energias latentes, o brio da Igreja. ‘Irmãos – dizia ele – se tendes vontade, se tendes abnegação, e essa abnegação não se desafervora; se tendes sangue, e não poupais as gotas desse sangue; se tendes fé e essa fé não morta; se amais a Cristo e às almas, e esse amor é verdadeiro – cumpri o vosso dever, desentranhai as vossas virtudes, pregai o Evangelho ou, se não tendes o dom da palavra auxiliai pelos meios e recursos ao vosso alcance aos que podem faze-lo! À arena do combate irmãos! Irmãos, pelo amor de Cristo e da Pátria – à propaganda!’¹¹ (SOUZA, 1953, p. 15)

Não apenas na oratória, mas também na produção de textos ele se destacou. Ao longo de sua carreira publicou muitos de seus sermões, além dos artigos que escrevia nos jornais e as coletâneas de temas polêmicos, livretos e anualmente relatórios publicados sobre suas atividades na igreja:

Calculando que o pastor da Igreja do Rio fala nunca menos de 4 vezes por semana – fica evidente que já foram por ele proferidos, nestes 25 anos, nada menos de 5.300 sermões que enfeixados em livros a 2 sermões por volume dariam 265 volumes de mais de 400 páginas cada um. E isto

¹⁰ Referência a “Sociedade de Esforço Cristão”, fundada na Igreja Presbiteriana do Rio em 10 de outubro de 1902. Tinha o propósito de distribuir literatura e dar início à novas frentes de plantação de igrejas.

¹¹ Propaganda: designação das atividades relacionadas à distribuição de bíblias, folhetos, literatura evangélica, o ato de evangelizar por meio da literatura.

não referindo a publicação dos 27 relatórios pormenorizados anuais, dos 30 livros e folhetos publicados, dos 23 volumes anuais do “Puritano” e de outras produções publicadas em volumes de Convenções Nacionais e Mundiais e em revistas e jornais no estrangeiro e no Brasil. (BOLETIM, 1922, p. 05)

Toda esta vasta produção o consagraria como um dos mais fecundos escritores e compiladores de sua época.

Relacionamos abaixo em ordem cronológica as obras de sua autoria, publicadas como livros ou folhetos:

1. Nossa meditação e salvação, 1888 - sermão de licenciatura
2. Síntese da Lei, 1889 - sermão de ordenação
3. A escritura sagrada, 1891
4. A Igreja, 1892
5. Origens Caldaicas da Bíblia, 1893
6. O clamor das pedras, 1893 - sermão pronunciado na reunião do sínodo na Igreja presbiteriana do Rio. Os membros da igreja lembraram dele quando elegeram Álvaro Reis para o pastorado da igreja
7. Traços biográficos do Rev. Eduardo Lane, 1895
8. Deus e a idolatria, 1895
9. Anchieta, o carrasco de Bolés, 1896
10. Breve de Clemente XVI para a extinção da Companhia de Jesus, 1896
11. José de Anchieta à luz da história, 1896
12. O filosofismo protestante, 1897
13. A caridade, 1897
14. O casamento religioso, 1897
15. A adoção, 1898
16. Os filhos de Deus, 1898
17. O tribunal de Cristo, 1901
18. O Espiritismo: Cartas a um Doutor espírita, 1901
19. Almanaque Histórico do O Puritano, 1902
20. Os irmãos da bendita virgem Maria, 1902
21. Os escândalos, 1903
22. A Vitória da Fé, 1903

23. E morreu, 1905
24. Notas sobre a versão Fiel, 1905
25. As condições intelectuais, morais e religiosas da América Latina, 1906
26. Reencarnação e regeneração, 1906
27. O primeiro culto evangélico realizado no Brasil, 1907
28. As conferências do padre Júlio Maria, 1908
29. O catolicismo protestante, 1908
30. O mimetismo católico, 1909
31. A segunda vinda de Cristo, 1912
32. Jubileu da Igreja Presbiteriana, 1912
33. O cálice eucarístico, 1913
34. As sete palavras da cruz de Cristo, 1914
35. O Senhor dos exércitos, 1916
36. O mártir Le Balleur, 1917
37. Dez razões da falsidade do Espiritismo, 1922
38. Mensagem ao Congresso Eucarístico, 1922
39. Dez razões porque não é cristã a Igreja Romana, 1922
40. Antes, perdida! Agora, salva!, 1922
41. Cristo no Corcovado, 1923 – série de artigos contra a construção do monumento do Cristo Redentor
42. A palavra eterna (s/d)
43. Hinário do Natal (s/d)
44. Cânticos sagrados (s/d)

Escreveu diversos artigos publicados em: Jornal do Comércio, Jornal do Brasil, Jornal O Paíz, Jornal o Correio da Manhã, O jornal. Também nos jornais protestantes: O Puritano, O Estandarte, O Despertador, O Éden, O Cristão. Publicou anualmente um relatório sobre o desenvolvimento espiritual e financeiro da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro do ano de 1897 até o ano de 1924 (PEREIRA, 2012, p. 185, 186)

Um homem de ação

Dono de um espírito inquieto, Álvaro Reis mostrou-se bem atualizado com as tendências do seu tempo e preocupado com a necessidade de unir discurso a ação.

Empenhou-se em deixar registradas as suas idéias, seja pelo jornal “O Puritano”, seja pelos jornais da capital ou pelos livros e impressos que publicou. Participou dos concílios ativamente, sempre envolvido nas discussões mais importantes para a denominação. Acolheu órfãos em sua própria casa e projetou um orfanato para ampliar a assistência. Viajou para fora do país, acompanhando de perto o movimento de Escolas Dominicais, visitando a igreja mãe nos EUA e participando da principal Conferência Missionária Mundial, influenciando para realização de uma conferência latino americana, estabelecendo bases para a missão presbiteriana em Portugal.

Em 8 de Junho de 1899, foi fundado o jornal “O Puritano”. Foi de Álvaro Reis a ideia que foi acolhida pela então Sociedade de propaganda, precursora do Esforço Cristão na Igreja Presbiteriana do Rio. O propósito inicial era de servir como veículo para a evangelização que se fazia na cidade do Rio e em Niterói. Com o tempo serviu também como plataforma para divulgar as pregações e polêmicas de Álvaro Reis e seus colaboradores e como órgão informativo da Igreja do Rio e da Igreja nacional. Passou a ser o jornal oficial da IPB em 1920.

Moderador da Assembléia Geral de 1910

Em 1910 foi eleito moderador da Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil que, reunida na Igreja Presbiteriana do Rio, uniu em um Supremo Concílio a nível nacional os dois sínodos existentes na época, do Norte e do Sul. Ali estavam representados os seguintes presbitérios: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, Oeste de São Paulo, Sul do Brasil, Pernambuco, Bahia Sergipe (O Puritano, 20/01/1910).

Orfanato Presbiteriano

Nesta mesma reunião, Álvaro Reis apresenta a proposta de criação do Orfanato Presbiteriano. Era a realização de um antigo sonho. Quando ainda pastoreava em Mogi Mirim, a cidade foi varrida por epidemia de febre amarela, dizimando dezenas de vidas e deixando órfãos diversas crianças. Só na Igreja Presbiteriana foram quatorze. Álvaro Reis decidiu acolher sete destes, filhos de um presbítero da igreja, e os adotou.

A Assembléia nomeia então uma comissão que dá o parecer, aprovado pelo plenário em 12 de janeiro de 1910, que fosse criado o Orfanato Presbiteriano e que o mesmo ficaria sob os cuidados de uma comissão permanente composta de 15 membros daquela

Assembléia e desta comissão seriam escolhidos sete nomes para compor uma Diretoria. Encabeçavam a comissão o Rev. Álvaro e o Rev. Samuel Rhea Gammon. (Atas da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil, 1910, p. 20,21). Na mesma reunião foi aprovado o estatuto do novo orfanato.

O orfanato passou a funcionar na cidade de Lavras – MG, onde já funcionava o Colégio Carlota Kemper para meninas, um ginásio, curso comercial e escola agrícola tudo sob a direção do Rev. Samuel Rhea Gammon (Atas da Assembléia Geral, 1910, p. 21). Posteriormente, em 1919, foi transferido para Marquês de Valença, no Rio em função da epidemia da gripe espanhola que fazia muitos órfãos. Inicialmente, funcionando em uma chácara nas cercanias da cidade, mudou-se em 1921 para um prédio mais ao centro. Finalmente, em 1923 foi adquirida uma propriedade de aproximadamente 35.500 m² na Estrada da Banca (atual Edgar Werneck - Jacarepaguá) no Rio de Janeiro. Hoje a instituição está no mesmo local com o nome de Instituto Presbiteriano Álvaro Reis, nomenclatura adotada em 1956 (GADELHA, 2010, p. 57).

Viagem aos EUA e Portugal

Neste mesmo ano, fez uma viagem aos EUA e depois à Europa, passando em Portugal. O propósito principal da viagem era de cumprir designação da Assembleia Geral da IPB como representante desta nas assembleias da Igreja Presbiteriana do Norte e do Sul dos EUA.

Saindo do Rio a 18 de março, participou primeiro da Convenção Mundial das Escolas Dominicais em Washington. Ali, representando a Igreja Presbiteriana do Brasil e, ao mesmo tempo, as demais igrejas brasileiras, Álvaro Reis proferiu um discurso onde resumiu a história da inserção do protestantismo no Brasil e informou o tamanho da igreja evangélica no país e também as perseguições que ainda sofriam vindas da igreja romana (Relatório, 1911, p. 7-12). Apresentou ainda a saudação aos Boards de Nova York e de Nashville, responsáveis por enviar os primeiros missionários presbiterianos para o Brasil.

Nas Assembleias em Lewsburg e Atlantic City proferiu um discurso onde apresentou a situação da igreja no Brasil e as dificuldades, principalmente no enfrentamento da oposição e perseguição da igreja romana. Na sua fala pediu o envio de mais missionários para o Brasil, ajuda para os seminários e recursos para aplicar na imprensa e publicação de livros e revistas (Relatório, 1911, p. 15). Dali seguiu, como representante convidado do Board de Nova York,

para a Convenção Missionária Mundial, reunida de 14 a 23 de Junho de 1910 em Edimburgo na Escócia. Preferiu não participar dos debates. No entanto, foi vetor de mudança para gerar um importante congresso missionário no Panamá:

A Conferência de Edimburgo excluiu as Missões na América Latina. Isto provocou descontentamento. Reunidos os discordantes num hotel daquela cidade, produziu Álvaro Reis vibrante discurso contra a exclusão dos países católicos. E, assim em virtude da sua impressionante alocução, e por ser o único latino nativo presente, aclamaram-no membro de uma comissão para protestar contra o ato.

O resultado foi compreenderem todos a necessidade de outra Conferência para as Missões em nosso continente, a qual veio a reunir-se no Panamá, em 1916. (RIBEIRO, 1925)

Esta reunião separada foi no dia 24 de junho de 1910, na hora do almoço no Castle Hotel. Liderava o encontro o Rev. Dr. Buttler, missionário no México e estavam presentes também Rev. Tucker e Rev. Robert Speer, coordenadores da Convenção Missionária de Edimburgo. (O Puritano, 21/07/1910)

A grande contrariedade entre os delegados sul americanos foi o fato de a Convenção não ter considerado a América do Sul como campo de missões, por interpretarem os cristãos da Europa que o cristianismo já estava aqui representado na igreja católica romana. Álvaro Reis era o único representante nativo (os demais eram missionários americanos que atuavam na América Latina) e vinha há muito combatendo em severas críticas a igreja romana.

Na reunião no hotel, ao receber a palavra, Álvaro Reis manifestou primeiro o seu contentamento em ver na Conferência de Edimburgo a união entre representantes de diferentes denominações, a solidariedade na obra missionária e o esforço e consagração à obra de evangelização. Por outro lado, sentia-se contrariado com o total desconhecimento do Brasil por parte da América e Europa e pelo crescimento da influência do romanismo, que considerava o maior inimigo do cristianismo, na América. (O Puritano, 21/07/1910).

O grupo resolveu compor uma comissão para providenciar outra conferência missionária que corrigisse a omissão em relação à América do Sul:

Quem reagiu à decisão de Edimburgo em considerar a América Latina um país cristão e portanto fora dos interesses missionários da época foram os missionários norte-americanos que estavam na conferência e que trabalhavam na América Latina e o Rev. Álvaro Reis.

Durante a conferência esse grupo de missionários realizou duas reuniões e, na segunda resolveram eleger uma comissão para trabalhar na organização de uma conferência missionária que tratasse especificamente da América Latina. A comissão foi composta pelos seguintes membros: Dr. H.K. Carrol (presidente), Rev. Samuel G. Inman (secretário) e os reverendos J.W. Batter, William Wallace, Álvaro Reis e G.I. Babcock. (LONGUINI NETO, 2002, p. 87)

Álvaro Reis, com sua eloquência, aproveitou a oportunidade para chamar a atenção sobre o desvio nos rumos do movimento missionário, representado naquela importante Conferência Mundial.

Apesar de todo este entusiasmo, veremos mais adiante que o Congresso do Panamá não cumpriu plenamente o que este grupo almejava. O domínio das agências missionárias americanas não permitiu a condução do processo por parte dos nativos, que reivindicavam maior atenção do movimento missionário para a América Latina.

Viagem a Portugal

Álvaro Reis influenciou na Assembleia Geral da IPB de 1910 para um envolvimento missionário da igreja em Portugal. Ele mesmo foi encarregado pela Assembleia de dar os primeiros passos em terras lusitanas.

Chega em Portugal em julho daquele ano. Sua missão inicial era de assumir a Igreja Presbiteriana que tinha sido influenciada pelos episcopais e pelos congregacionais.

Teve algumas dificuldades, tendo que substituir o pastor congregacional que estivera ali por muitos anos. Além disso, as notícias do entrevero com Eduardo Carlos Pereira e a saída dos independentes já havia chegado a Portugal.

Emile Leonárd nos conta o que aconteceu então:

Lembramos que ele deveria substituir um pastor piedoso, é certo, mas congregacional, e que ia “congregacionalizando” a igreja presbiteriana. Álvaro Reis começou então a “represbiterianizá-la”, ocupando o púlpito às terças e sextas-feiras e duas vezes aos domingos, e assumindo a superintendência da Escola Dominical e a direção das classes de adultos. A sua oratória impressionava. E, como ele mesmo nos conta, o resultado deste esforço de evangelização, onde Cristo, e ele só tem o lugar preponderante que lhe é devido, foi que todas as dificuldades, que imaginara oporem-se terrivelmente à sua obra, desapareceram como que por encanto. [...] do que se conclui que José Augusto dos Santos Silva, o pastor piedoso, mas congregacional se fez esquecer sem discussão, tornando a uma direção puramente presbiteriana uma igreja que mantivera

com vida pelo tempo em que o presbiterianismo por ela se desinteressara. (LEONARD, 2002, p. 199)

Álvaro Reis retorna ao Brasil e no fim daquele mesmo ano de 1910 é enviado a Portugal o Rev. João Marques da Mota Sobrinho, um português, que se tornou o primeiro missionário presbiteriano brasileiro em terras portuguesas. Ele fez um bom trabalho, e no relatório que enviou em 1922, contava que conseguiu organizar outra igreja em Figueira da Foz, criar uma congregação em Santo Amaro e um curso de teologia com três alunos, já partindo para organização de outra igreja em Coimbra. Relatava também sérios problemas na convivência da igreja no local que usavam para os cultos, uma capela dividida com a Missão escocesa, isso além do sustento insuficiente que recebia. Ele, por sua vez, também contribuía para um desinteresse da Igreja brasileira na missão em Portugal, pois não enviava relatórios e informações sobre desenvolvimento do seu trabalho (LEONARD, 2002, p. 202).

Finalmente, em 1924, a Assembleia Geral aceita o seu pedido de demissão, mesmo sem ter ninguém que o substituísse. Somente em 1926 é que a missão em Portugal recebeu o Rev. Pascoal Pita, vindo do Presbitério de Minas.

Congresso do Panamá

Em 1916, Álvaro Reis representou a Igreja Presbiteriana no Congresso de Ação Cristã na América Latina, reunido no Panamá nos dias 10 a 19 de Fevereiro. Foi acompanhado do Rev. Erasmo Braga e do Rev. Eduardo Carlos Pereira, Os únicos representantes nativos do Brasil. Além disso, participou também dos Congressos regionais que se reuniram em seguida nas cidades de Lima, Santiago, Buenos Aires e Montevideú. No Brasil o último deles, na Igreja Presbiteriana do Rio.

A ideia inicial surgiu em 1910, durante a Conferência de Edimburgo, quando Álvaro Reis reunido com representantes da América Latina protestaram pelo fato da organização não ter enxergado o continente sul americano como campo missionário, considerando a presença da igreja católica romana como representante do cristianismo por aqui. Portanto, o Congresso do Panamá foi visualizado com seis anos de antecedência.

Naquele momento foi criada uma comissão que daria início ao planejamento para realizar uma Conferência missionária com os países da América Latina. Primeiro, foi realizada uma conferência em Nova York em 1913 com representantes das juntas missionárias que atuavam na América do sul. Uma nova comissão foi ali formada e ampliada em 1914 e

resolveram realizar também conferências regionais em Lima, Santiago, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Havana e México. O Secretário Executivo eleito foi o Rev. Samuel G. Inmam, missionário no México e secretário na primeira comissão que foi organizada ainda em Edimburgo (BRAGA, 1916, p.85, 86)

A expectativa de marcar o pensamento missionário protestante a partir do Congresso parece que não se cumpriu totalmente. A posição ambígua que foi criticada em Edimburgo não foi muito alterada no Panamá. Erasmo Braga produziu um relatório por encomenda do serviço editorial da Conferência e em seu texto denuncia o descontentamento das lideranças latino americanas com a definição que se adotou:

Foi então adotada uma definição do espírito do Congresso que ficou conhecida como a “Declaração de Caldwell”. A declaração continha três pontos que, divulgados em um boletim oficial, produziram, na América Latina e entre missionários que nela trabalham, uma grande agitação: 1) que o Congresso reconheceria todos os elementos de verdade e de bondade em qualquer forma religiosa; 2) que o seu contato com o povo latino-americano não seria nem crítico nem antagônico; 3) que em matéria de serviço cristão receberia a cooperação de todos os que quisessem prestar seu concurso a qualquer parte do programa cristão.

Pareceu a muitos que a “declaração de Caldwell” continha os princípios de um latitudinarismo perigoso e seria base de uma transação com o espírito mundano e com formas religiosas incompatíveis com o cristianismo evangélico. (BRAGA, 1916, p. 84)

As juntas missionárias dominaram de tal forma a organização e controle do Congresso que faltou espaço para aqueles que deveriam ser os principais atores: os nativos latino-americanos. Luiz Longuini Neto destaca a dominação estrangeira e a falta de sensibilidade com o papel hegemônico da Igreja católica, com as diferentes denominações que atuavam aqui e as diferenças entre Ásia, África e América Latina:

Em primeiríssimo lugar, antes de qualquer tipo de análise desse congresso, faz-se mister ressaltar alguns fatos que caracterizaram a concepção, a convocação, a realização e os desdobramentos do evento como algo estrangeiro, isto é, fruto das organizações missionárias norte-americanas e européias. Vamos aos fatos.

O idioma oficial do congresso foi o inglês, com um ou outro relatório apresentado em português ou espanhol. Dos 145 delegados da América Latina, somente 21 eram latino-americanos de nascimento. Sendo assim, pode-se afirmar retumbantemente o que já se tornou consenso entre alguns missiólogos: o Congresso do Panamá foi dominado pelos missionários e executivos das juntas estrangeiras de missões.

[...] Os documentos preparatórios usados foram os mesmos de Edimburgo, e com isso cometeu-se um erro gravíssimo no que diz respeito à concepção intrínseca da missão. O material não considerava as diferenças gigantescas existentes na América Latina, a hegemonia da Igreja Católica Romana, e as diferenças das denominações protestantes que aqui já trabalhavam há quase um século. (LONGUINI NETO, 2002, p. 92,93)

Ao que tudo indica o esforço de Álvaro Reis e seu discurso diante do grupo de representantes latino-americanos durante o Congresso de Edimburgo, não teve reflexo na realização do Congresso do Panamá. Tendo sido usados os documentos de Edimburgo na preparação do Congresso do Panamá, não haveria possibilidade de mudanças.

Convenção Mundial de Escolas Dominicais no Japão

Em seu ministério na igreja Presbiteriana do Rio Álvaro Reis sempre estimulou e valorizou a Escola Dominical que considerava elemento crucial para formação dos crentes e doutrinação. Na igreja sede a Escola Dominical era muito bem organizada contando com diversas classes divididas por idade e sexo. Cada classe possuía sua diretoria.

Em 1910, na viagem aos EUA para visitar as assembleias das Igrejas Presbiterianas do norte e do sul compareceu também aos Boards de missões do norte e do sul, e participou do Congresso Mundial de Escolas Dominicais, reunido em Washington. Ali teve oportunidade de discursar fazendo um apanhado geral da presença protestante no Brasil desde 1557 até o ano de 1910. Denunciou perseguições sofridas pelos protestantes no Brasil e falou da importância da escola dominical para as crianças e a necessidade da pregação. Na sessão de abertura estiveram presentes 10.000 pessoas (Relatório, 1911, p. 7-12).

Em 1920 participou da 8ª Convenção Mundial das Escolas Dominicais, em Tóquio, entre os dias 5 e 14 de outubro. Ali compareceram 1.840 delegados representando países dos cinco continentes. A delegação brasileira era constituída além do Rev. Álvaro, que representava as Escolas Dominicais do Brasil, sendo acompanhado de sua esposa Maria da Fonseca Reis, Júlio de Oliveira, 13 anos, seu neto por adoção e Jorge Nicolau Abduch e esposa, Labibe Abduch, membros da igreja do Rio.

Ali chegando, o neto Júlio de Oliveira executou ao piano o Hino Nacional brasileiro e japonês e foi longamente aplaudido. Álvaro Reis falou ao auditório sobre o significado das cores da bandeira brasileira (PEREIRA, 2012, P. 165)

A nota triste foi o incêndio que destruiu o auditório que havia sido construído para as reuniões. Ao custo de 90.000 dólares, com capacidade para 3.000 pessoas, uma plataforma para 500 coristas e salão de refeições para 400. O incêndio aconteceu três horas antes da abertura da convenção devido a um curto circuito. Apesar da multidão que já ocupava o espaço, não houve nenhuma vítima fatal (Relatório, 1922 p. 42).

A convenção tratou do tema “A Escola Dominical e o progresso do Mundo”, tratando a educação cristã como força integralizadora do caráter no indivíduo, na comunidade, na nação e no mundo atual.

Álvaro Reis discursou no dia 9 no Teatro Imperial falando sobre o tema “the childhood in Latin América” – A infância na América Latina. Parte desse discurso foi publicado na imprensa de Tóquio. No dia 13 presidiu a sessão devocional na Guinza Methodist Church. E, no dia do encerramento (14 de outubro), fez a entrega de uma Bíblia em português ao presidente da Associação de Escolas Dominicais do Japão, acompanhado de pequeno discurso. Após este ato, Júlio de Oliveira tocou ao piano mais uma vez o hino nacional japonês e o brasileiro. Foi ouvido de pé e muito aplaudido. O menino Júlio também falou em uma das sessões da Convenção e pode apresentar algumas peças ao piano, trazendo admiração a todos. No domingo, dia 15, aconteceu no Hibya Park uma grande parada na qual tomaram parte mais de 33.000 pessoas, causando grande impressão na população japonesa (Relatório, 1922, p. 45).

Moderador do Sínodo Central

26 de junho de 1919 foi a data de organização do Sínodo Central, que reuniu os presbitérios do Rio de Janeiro, Sul de Minas e Espírito Santo e Minas. A reunião se deu no templo da igreja presbiteriana do Rio, elegendo como seu moderador o Rev. Álvaro Reis.

Em seu relatório Álvaro Reis relembra que a Igreja Presbiteriana do Rio foi testemunha de reuniões importantes da Igreja Nacional que foram realizadas em suas dependências: A organização do Presbitério do Rio de Janeiro, em 1864, primeiro presbitério do Brasil, quando foi ordenado o primeiro pastor nacional, Rev. José Manoel da Conceição. Em 6 de setembro de 1888 o primeiro Sínodo, unindo os quatro presbitérios existentes na época: Rio, São Paulo, Minas e Pernambuco, reunião que Álvaro Reis participou como representante do Presbitério de Minas, já licenciado. Em 7 de Janeiro de 1910, constituída a Assembleia Geral, unindo os dois sínodos, do norte e do sul. O Rev. Álvaro foi eleito o

moderador desta Assembleia Geral. Finalmente a Igreja Presbiteriana do Rio acolheu a reunião de organização do Sínodo Central na qual Álvaro Reis foi eleito o moderador (Relatório, 1919, p. 11).

Um assunto que gerou polêmica nesta reunião foi a criação do Seminário Unido. Um dos resultados do Congresso do Panamá foi a constatação das debilidades do ensino teológico na América Latina. Concluiu-se que a cooperação entre as Juntas Missionárias poderia criar bons seminários. Na Conferência regional em Buenos Aires ficou resolvido que deveria ser criado um grande Seminário Unido da América do Sul, além de mais três Institutos Teológicos para treinar pastores.

Por proposta inicial de Eduardo Carlos Pereira, resolveu-se em 1917 criar o Seminário Unido, com sede no Rio, cumprindo o papel de grande seminário modelo na América Latina. Nesta proposta estavam trabalhando a Igreja Congregacional, Igreja Metodista, Igreja Presbiteriana do Brasil e Igreja Presbiteriana Independente. A ideia trouxe polêmica, pois envolvia o encerramento das atividades do Seminário presbiteriano, que nessa época funcionava em Campinas. (ver RIBEIRO, 1991, p. 222 a 264). No final acabou perdendo apoio. Álvaro Reis foi um dos maiores defensores do Seminário Unido. Chegou a ser escolhido com presidente da Instituição, mas não houve na sua denominação unidade em torno da ideia.

Polemista

Álvaro Reis não perdia uma oportunidade de confrontar a Igreja Católica Romana em suas doutrinas. Tinha um interesse apologético, enfrentando com rigor as opiniões contrárias. Pela imprensa, os embates que iam sendo acompanhados com interesse pelos fiéis católicos e espíritas por um lado e os protestantes do outro. Ele expunha a doutrina na visão protestante e dava oportunidade ao rival para a réplica e respondia em seguida e, assim, os dois iam se alternando defendendo os seus pontos de vista. Ao final Álvaro Reis publicava em livro a coletânea dos seus artigos indicando somente a afirmação principal do oponente que dera motivo à resposta.

No relatório pastoral de 1911, na sessão intitulada “Grande Propaganda”, Álvaro Reis relaciona vários folhetos que publicou ao lado do título, entre parênteses, a quantidade publicada de cada texto. Neste ponto, cita a fundação do jornal “O Puritano”, em 1899. Aqui

também se percebe que a maioria das publicações estão relacionadas à polêmica com a igreja romana:

Desde que o Senhor nos colocou nesta igreja, reconhecemos a imensa necessidade de acompanhar a propaganda da Palavra com a propaganda feita pela imprensa. Assim, em 1897, publicamos o folheto “O Casamento religioso, Carta aberta aos digníssimos representantes da República dos Estados Unidos do Brasil ao Senado e Camara dos Deputados” (2.000). “Refutação da sexta conferência de Assunção – o Filosofismo protestante do Padre Júlio Maria” (5.000) [...] Nesse ano colaboramos em vários jornais evangélicos desta capital e de São Paulo. Com o concurso de vários colegas, fundamos a 8 de junho de 1899 “O Puritano”, do qual já devem ter sido editados mais de 1.570.000 exemplares, neste treze anos. (Relatório, 1912, p. 19)

Em junho de 1892, iniciou uma polêmica com o Dr. José de Campos Novaes, advogado em Campinas que, em encontro com o Rev. Álvaro, disse que a Bíblia era tirada da religião antiga dos Caldeus. Álvaro Reis rebateu, afirmando a autenticidade de um texto inspirado por Deus e escrito por Moisés. Os debates se iniciaram três meses depois, com artigos sendo publicados nas páginas do “Diário de Campinas”. Os artigos foram depois reunidos no livro: “As origens Caldaicas da Bíblia”.

Em 1894, entra em debate com um médico espírita da cidade de Lavras, Dr. Augusto José da Silva sobre a divindade de Cristo e a reencarnação. Os artigos publicados em O Puritano foram reunidos no livro “O Espiritismo”.

Em 1901, a polêmica se estabelece contra Carlos de Laet, jornalista e professor, monarquista convicto e católico fervoroso que recebeu do Vaticano o título de Conde. O ponto central de discórdia entre os dois era o culto aos santos e sua intercessão. Também trocaram farpas sobre a intercessão de Maria, ministério dos anjos, celibato, purgatório, batismo, eucaristia, transubstanciação.

No Correio da Manhã de 14/10/1901, Álvaro Reis escreve o artigo intitulado “Mimetismo Católico” respondendo artigo do dr. Carlos de Laet intitulado “Mimetismo Positivista”, que tinha sido publicado no mesmo jornal em 18 e 25/09/1901. O trecho que o Rev. Álvaro contesta é onde o autor afirma:

O culto dos santos e a sua intercessão já está no Velho Testamento, e existia entre os judeus quando o politeísmo Greco-romano nenhuma influencia exercia sobre o Oriente. Em Jeremias, que floresceu no 7º século

antes de Cristo, já se alude à intercessão de Moisés e Samuel perante o Senhor (Cap. 20, v. 1 e 5). (jornal Correio da Manhã, 25/09/1901)

Álvaro Reis responde afirmando que no judaísmo jamais houve a intercessão dos santos. Contesta, transcrevendo o texto bíblico citado de Jeremias, explicando que era exatamente ao contrário, ou seja, uma vez que o povo tinha abandonado o Senhor, ninguém poderia interceder por ele, nem Moisés e nem Samuel.

A pendenga se arrastou por alguns meses através de artigos que foram publicados em dois jornais importantes da capital: Correio da Manhã e Jornal do Comércio. A disputa teve repercussão não só no Rio, mas em todo o país. Com o pretexto de que o adversário usara incorreções gramaticais, Carlos Laet silenciou-se por quase um ano. Com o silêncio de seu opositor, Álvaro Reis em 1903 deu como encerrada a discussão e reuniu os artigos em nova publicação que intitulou “Mimetismo católico” lançando em 1909. No epílogo de seu livro, ele ainda ironiza com o silêncio de seu opositor:

Desde 25 de junho de 1902, até hoje, 25 de março de 1903, o Sr. Dr. Carlos de Laet se recolhera ao silêncio. Não sabia, mesmo não supunha que, depois de s.s. favonear tanta bravura e desassombro, quisesse se retirar da arena assim... a francesa! (REIS, Álvaro. Mimetismo Católico. Rio de Janeiro: Oficinas do Puritano, 1909, p. 23)

Em 1907 Álvaro Reis toma conhecimento, através da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil de uma monografia de Cândido Mendes que defendia o padre José de Anchieta da acusação de participação direta na morte de Jacques Le Balleur. Ele foi um dos cinco pastores enviados por João Calvino ao Rio de Janeiro para ministrar aos franceses e foi perseguido por Villegaignon. Álvaro Reis passa, então, a pesquisar entre as correspondências e documentos históricos para identificar este pastor que fugira para São Vicente em 1558 com um tal João Bolés que foi executado no Rio em 20 de Janeiro de 1567. Seu objetivo era demonstrar que Le Balleur fora martirizado na presença de José de Anchieta que, inclusive, teria instruído o carrasco a executar a sentença de forma mais rápida.

Em 1923, levantou a bandeira contra a instalação da estátua do Cristo Redentor no alto do Corcovado. Sendo publicados em “O Jornal”, seus argumentos se baseavam na alegação de contrariedade da obra com os artigos 11 e 72 da Constituição da República que vetava subvenções oficiais a qualquer igreja. Em setembro, assina um artigo endereçado aos Senadores e Conselheiros Municipais, com o título “O Christo do Corcovado”. Protestava

contra o uso de dinheiro público, em momento que o governo tem que suspender obras urgentes, dispensa milhares de empregados e aumenta os impostos para pagar compromissos no estrangeiro, lutando contra um cambio asfixiante de 5%. Acusa o clero católico de querer esgotar os tesouros públicos para conseguir verbas para seus santuários, altares, templos etc. Ele reclama dizendo que essas verbas deviam sair dos bolsos romanistas assim como saem dos bolsos presbiterianos as verbas para as obras presbiterianas. (O Jornal, 12/09/1923).

Os Evangélicos se mobilizaram nesta causa organizando um congresso e elegendo uma diretoria para unir esforços contra a estátua do Cristo no Corcovado. A diretoria tinha a seguinte composição: presidente: Rev. Álvaro Reis; vice: Rev. Erasmo Braga; secretários: Dr. Francisco de Souza e Rev. Salomão L. Ginsburg; tesoureiro: prof. Souza Marques. (O Jornal, 18/09/1923)

Envolveu-se também em debates com um católico que usava o pseudônimo de “Jumireita”, por conta dos ataques de Álvaro Reis ao uso das imagens nas igrejas católicas que ele condenava como idolatria e também na polêmica do Cristo no Corcovado. Jumireita conclamava os católicos para revidar à altura as provocações do pastor presbiteriano. As disputas cessaram com a morte súbita do oponente do Rev. Álvaro.

Também se destaca as controvérsias com o Padre Júlio Maria. Contra as conferências que fazia o padre, Álvaro Reis também se posicionava usando o púlpito da igreja e conseguia juntar centenas de pessoas no templo. Invariavelmente publicava suas conferências.

Em 1914, Álvaro aguardava, depois de suas pregações na época da quaresma, um ataque do padre Júlio. Como isso não aconteceu, ele iniciou na véspera do domingo de Ramos uma série dos seus sermões mais famosos: “As sete palavras de Cristo na Cruz”. Foram publicados na época no Jornal do Comércio e em 1917 compilados em um livro.

Além das polêmicas em que se envolveu com pessoas de fora da Igreja Presbiteriana, internamente, também defendeu causas as mais diversas como a questão do seminário, quando defendia a restrição ao ensino exclusivamente teológico contrário à opinião do Rev. Eduardo Carlos Pereira¹² que era da opinião de juntar colégio e seminário.

¹² Foi pastor da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo, abolicionista, defendeu também dentro da igreja maior autonomia em relação às missões americanas, favorecendo pastores nacionais e incentivos à educação teológica. Por conta dessas questões e também pela “questão maçônica” liderou o grupo que saiu da IPB e fundou a Igreja Presbiteriana Independente.

Na questão maçônica, sendo ele membro da confraria, posicionou-se pela liberdade de consciência, quando Eduardo Pereira, com outros, afirmava a incompatibilidade entre maçonaria e cristianismo.

Polemizou com batistas e congregacionais, por conta da questão do batismo por aspersão e batismo de crianças.

Defendeu o uso do Cálice comum, polemizando com um presbítero de sua igreja e outros membros, afirmando ser esta prática de maior valor simbólico na celebração da Eucaristia. Citava Mt 26:26-30; Mc 14:22-26; Lc 22:14-23; ICo 10:14-22; 11:17-34, em todas as passagens grifando a palavra “cálice” ou “este cálice” como prova do uso, por parte de Jesus, do cálice comum. Considerava o uso de cálices individuais uma inovação pervertedora do protestantismo, e, que as inovações levaram o cristianismo a progredir para o romanismo e afirmava que as inovações no cristianismo evangélico o levariam a transformar-se em racionalismo (REIS, Álvaro, 1912, p. 15).

Evangelista Urbano

O que mais se destaca no ministério de Álvaro Reis é o seu empenho evangelístico. No início de seu ministério, antes de chegar à Igreja do Rio, teve a experiência de pastorear duas igrejas no interior paulistano, e dava assistência a dezenas de outras pequenas localidades. Teve oportunidade de viajar com o Rev. Caetano Nogueira pelo interior de São Paulo e Minas, chegando até Goiás, organizando em igreja as congregações espalhadas por povoados, fazendas e vilas. Batizava adultos e crianças, ordenava oficiais, e pelo caminho evangelizava e vendia bíblias junto com seus companheiros de viagem¹³.

Quando iniciou seu ministério na Igreja do Rio, se deparou com desafios completamente diferentes. Estava agora na capital da República, em ambiente urbano com presença forte da igreja romana, com a qual tinha tantas diferenças e que viria a desenvolver muitos embates. Não estava mais lidando com a população rural, mas iria se deparar com uma realidade multifacetada tanto no aspecto humano como no aspecto cultural, econômico e social.

A cidade do Rio concentrava camadas mais pobres na área urbana, via desenvolver regiões mais procuradas pelas elites e outras mais distantes procuradas pelas classes

¹³ Informações contidas nos artigos publicados no jornal O Estandarte de 30/06/1893 a 23/09/1893, já mencionados.

proletárias. Os subúrbios iam sendo formados, acompanhando as linhas de bonde e os trilhos dos trens.

Seu objetivo, no entanto, continuou o mesmo. O seu espírito de evangelista ainda o agitava. Sentia a necessidade de organizar novas igrejas e alcançar o perímetro urbano mais próximo e os bairros mais distantes. Não era tarefa fácil e ele não conseguiria fazer sozinho. Seria necessária a mobilização de um verdadeiro exército.

O historiador presbiteriano Júlio Andrade Ferreira já destacava em sua conhecida obra sobre a história da Igreja Presbiteriana do Brasil o caráter de evangelista urbano de Álvaro Reis e os resultados que alcançou:

Repetimos, porém que sua maior grandeza era a de ser o pastor e o evangelista da capital.

Foi-o com todo ardor e com toda a eficiência.

Já em 1902 fora consagrado o salão de cultos de Botafogo na Rua da Passagem.

Trabalhos de evangelização foram abertos em vários outros pontos: Morro da Glória, Ponta do Caju, S. Francisco Xavier, Pirapitinga (Rezende), Sapopemba, Meyer, Matoso, Morro do Livramento, Encantado, Madureira etc. Em cada relatório desses primeiros anos do século a lista é aumentada.

[...] O povo bêbado ante a sua oratória retumbante, leva a efeito todas as campanhas que ele propõe. Em visitação, em distribuição de folhetos em dezenas de classes dominicais, no “Esforço Cristão” e em outras organizações domésticas, a igreja do Rio vibra. (FERREIRA, 1960, p. 60)

Dentro da própria igreja do Rio, enxergou uma grande oportunidade no grupo organizado que encontrou ali, responsável pela distribuição de convites pelas redondezas da igreja. Este grupo foi evoluindo e crescendo e filiou-se ao movimento de Esforço Cristão, que já estava presente no país há alguns anos. Passou, então, a estimular o grupo do Esforço Cristão a buscar oportunidades para início de pontos de pregação pela cidade e subúrbios. Os pontos de pregação começaram a ser formados nas casas de membros da igreja, realizando cultos e classes de escola dominical nos domingos. O Esforço Cristão participava fornecendo liderança para estes pontos de pregação que evoluíam para congregações e finalmente novas igrejas. Assim, Álvaro Reis fez do Esforço Cristão um dínamo propulsor missionário e dos membros da igreja missionários em suas próprias casas.

CAPÍTULO 2 - O ESFORÇO CRISTÃO – UM MOVIMENTO DE MISSÕES URBANAS

Quando mobilizou o grupo do Esforço Cristão em sua igreja, Álvaro Reis estava visualizando a multiplicação de comunidades pela cidade que se transformariam em futuras igrejas. O Esforço Cristão estava presente já em muitas igrejas, de diferentes denominações no mundo todo. Ele, na verdade, era fruto de um momento específico de expansão do movimento missionário que se acentuava no séc. XIX e influenciou um despertar de leigos que teve expressão mais significativa no Movimento Voluntário Estudantil e pode ser também identificado na YMCA que surgiu antes.

Nesse contexto, surgiu o Congresso de Edimburgo em 1910, Panamá em 1916 e seus derivados. A mobilização dos leigos trouxe a disposição de cooperação entre as denominações e plantou a semente do ecumenismo.

Álvaro Reis, ao contrário de seu colega Erasmo Braga, não estava tão envolvido no mesmo propósito de cooperação e aproximação interdenominacional. Por outro lado, enxergou o potencial representado no espírito missionário que este movimento trazia e aplicou esta vocação localmente. Incentivando a abertura de novas congregações e organização de igrejas, ele direcionou sua igreja e as forças de integração na prática de Missões Urbanas.

Relacionaremos a seguir os principais movimentos que surgiram na metade do sec. XIX com visão missionária, envolvendo os leigos, incluindo o Esforço Cristão.

ACM

Conhecida no Brasil como ACM (Associação Cristã de Moços) a YMCA (Young Men's Christian Association) surgiu na Inglaterra, em meados do século XIX, por iniciativa de George Williams. Ele trabalhava em uma loja de tecidos, a *Hitchcock and Rogers*, em jornadas de 12 a 14 horas diárias, junto de mais de uma centena de funcionários. Membro da Igreja Presbiteriana, Williams iniciou reuniões de oração em seu ambiente de trabalho. Com a boa receptividade dos colegas e da própria direção da loja, ele teve a iniciativa de criar a primeira associação cristã de moços em 1844, com o objetivo de ajudar na formação espiritual dos jovens e promover a ajuda mútua. Este tipo de ajuntamento era muito necessário no ambiente extenuante de trabalho e degradação social na Inglaterra pré-revolução industrial.

A iniciativa se expandiu para a Europa e, em 1851, já havia 16 sedes espalhadas pela Inglaterra, Escócia e Holanda, iniciando-se também, no mesmo ano, no Canadá e em Boston, EUA. Em 1857, já existiam 397 YMCA's em sete países. Nos Estados Unidos é que haverá maior expansão, chegando ao fim do séc. XIX com 1.415 sedes implantadas. (BAÍA, 2012, p. 8 e 9).

Foi o primeiro movimento envolvendo jovens leigos voluntários. Uma iniciativa de livre associação e de caráter paraeclesiástico que empolgava os jovens e contagiava as igrejas. Uma onda que veio influenciar o Movimento Voluntário Estudantil e o Esforço Cristão que analisaremos mais adiante

Em 1880, o Rev. George Chamberlein, que já atuava no Brasil, estava nos Estados Unidos realizando palestras em escolas e indicava que havia um solo fértil para implantação da ACM por aqui. Assim, em 1881, o missionário norte americano Myron Augusto Clark desembarcava em São Paulo vindo com o propósito de iniciar o trabalho acemista em terras brasileiras.

Myron Clark chegou com a idade de 25 anos, passou os dois primeiros anos aprendendo a língua e casou-se com uma brasileira, a paulista Francisca Pereira de Moraes. Ele implantou as sedes no Rio de Janeiro (1893), Porto Alegre (1901) e São Paulo (1902). Contribuiu também para a fundação das ACM's de Buenos Aires e Coimbra. (BAÍA, 2012, p. 11)

Myron Clark inicia com um projeto de implantação, definido nos estatutos da nova organização, que tinha como propósitos: promover o caráter cristão dos associados, a utilidade dos seus membros assim como promover o bem físico, intelectual, social e espiritual dos moços.

Erasmus Braga em seu relatório do Congresso do Panamá ou Congresso de Ação Cristã na América Latina, faz um excelente esboço histórico do movimento evangélico na América Latina. Citando a chegada de Myron Clark ao Brasil e a fundação da ACM, ele faz a seguinte definição dos propósitos da instituição em seu momento nascente:

Essa instituição que visa o desenvolvimento tríplice da mocidade, no corpo, na alma e na inteligência, está se implantando nos grandes centros de população, onde as classes comerciais e os estudantes das escolas superiores oferecem grande clientela. Pelos métodos que emprega, pelos homens que a representam e pela organização que tem a ACM, constitui ela uma das mais importantes agencias sociais de influência cristã.

Os serviços da ACM com o seu departamento acadêmico servirão para suprir a América Latina com um grande elemento que faltas nas nossas universidades e escolas superiores – a vida acadêmica, aquele *esprit de corps*, aquela vida íntima e peculiar das classes acadêmicas, o espírito do “Campus”, cuja falta é tão sensível ao observador que estuda o problema dos estudantes na zona ibero-americana. Com seu departamento de educação física ela está concorrendo poderosamente para criar um belo tipo humano. Todavia, sua maior preocupação é levar a mocidade a um contato espiritual, real e direto, com a pessoa de Jesus Cristo, a fonte da vida, o modelo perfeito de vida, o redentor adorável e divino. (BRAGA, 1916, p. 36)

Braga, em primeiro lugar, enxergava o propósito tríplice da ACM, contribuindo para o corpo, alma e mente dos jovens. Via nela uma agência social de influência cristã que atuava na promoção da vida acadêmica e na atividade esportiva, mas tinha como alvo principal a evangelização. Percebe-se não apenas uma nova estratégia de evangelização, mas uma visão holística do homem, uma forma de influenciar a sociedade promovendo desenvolvimento físico, intelectual e moral.

A ACM começa a se desenvolver mais em um momento de expansão missionária promovida por jovens estudantes que tinham esta visão mais integral do ser humano. Importante lembrar que o Movimento Voluntário Estudantil contribuiu muito para a expansão da ACM em vários países (TUCKER, 1986, p. 280)

Em 1903, era realizada a 1ª Convenção Nacional das ACM's no Brasil. A Igreja Presbiteriana do Rio foi representada por uma comissão nomeada pela Associação de propaganda daquela igreja. Esta comissão era formada pelo Rev. Álvaro Reis e o Rev. Franklin do Nascimento, além de mais dois sócios (Atas da Associação de Propaganda, 16/04/1903, p. 61). O encerramento da Convenção foi realizado no templo da Igreja do Rio.

Álvaro Reis destaca em seu relatório de 1901 a presença presbiteriana na história da ACM no Brasil. Foi o Rev. Chamberlein, diante da convenção nos EUA, quem recomendou o estabelecimento da ACM no Brasil. O missionário que deu início a ACM no Brasil e primeiro Secretário Geral foi Myron Clark, membro da Igreja Presbiteriana do Rio. O primeiro secretário geral brasileiro, Álvaro de Almeida também foi membro da Igreja do Rio. Outro membro e presbítero da mesma igreja foi o Dr. Lysanias de Cerqueira Leite, primeiro presidente da comissão executiva nacional das ACM's. (Relatório, 1902, p. 17)

Na época da 1ª Guerra Mundial (1914 – 1918) a ACM mobilizou seus voluntários em todo o mundo para arrecadar um fundo de guerra e entregar alimentos para as populações atingidas pela guerra. Somente nos EUA, foram arrecadados mais de 5 milhões de dólares.

A ACM, misto de associação recreativa e religiosa, reflete o momento de expansão dos movimentos de juventude. Com um ideal de promover instrução, conhecimento bíblico e sociabilidade, a ACM, em seu momento inaugural, tinha uma ligação medular com a igreja, apesar de não querer parecer um movimento somente religioso.

Movimento Voluntário Estudantil

Tudo começou em Monte Hermon, Massachusetts/EUA no ano de 1886 quando o grande conferencista Dwight L. Moody convidou alguns estudantes universitários para uma série de conferências durante quatro semanas. Ali compareceram 251 estudantes vindos de 89 faculdades dos EUA e Canadá. (The Student Movement - The History and Organization Of the Student Volunteer Movement For Foreign Missions by John R. Mott - August, 1889. Disponível em: <http://www.thetravelingteam.org/historicalbasis/student-movement>, acessado em 10/03/2014) Nesta ocasião o Rev. Arthur T. Pierson, pastor americano e grande incentivador de missões estrangeiras, fez um desafio missionário conclamando aqueles jovens: "Todos devem ir, e devem ir a todos". No final, uma centena deles havia assumido o compromisso.

A partir daí vários grupos de estudantes iam sendo arregimentados para serem enviados para o exterior e o Movimento Voluntário Estudantil (MVE) ganhava corpo. Os jovens recém-formados abriam mão de suas carreiras para se dedicarem a projetos missionários em países distantes que mal conheciam e cuja língua não dominavam. Davam verdadeiros saltos no escuro pela fé:

Os voluntários eram desafiados a partir sem quaisquer garantias financeiras, simplesmente baseados na confiança de que o Senhor da missão se encarregaria desse aspecto. Para alguns, eles eram heróis da fé; para outros, uns tolos; segundo eles próprios, "tolos por amor a Cristo". Não se dispunha de tempo para avanços timoratos ou diligentemente preparados em território pagão, nem para a morosa edificação de igrejas "autônomas" no "campo de missão". Fazia-se necessário proclamar o evangelho a todas as pessoas o mais rapidamente possível, e para isso jamais haveria um número suficiente de missionários. A urgência também significava que não havia tempo nem necessidade para uma extensa preparação ao serviço missionário (BOSCH, 2002, p. 401-402).

Em 1914, cerca de 5.000 jovens estudantes já tinham ido para o campo missionário por influência do MVE.

Um nome que se destaca neste momento é o de John Raleigh Mott, líder ativo na YMCA e que deu ao movimento estudantil um aspecto mais ecumênico. Ele estava no grupo dos 100 em Monte Hermon e foi o formalizador do movimento em 1880, sendo o seu primeiro presidente. Fez longas viagens para encontrar, treinar e enviar novos missionários.

O lema desta nova organização passou a ser: "A evangelização do mundo nesta geração". Mott escreveu um livro com esse título. Em 1895, ele criou a Federação Cristã Estudantil Mundial e mais tarde foi figura fundamental na Conferência Missionária Internacional de Edimburgo, em 1910, quando Álvaro Reis o conheceu. Em seu livro, publicado em 1900, Mott informa que havia um total de 14 grandes organizações estudantis Nacionais e Internacionais congregando um total de 1400 associações e com uma adesão de cerca de 65.000 estudantes e professores. (MOTT, 1900, p. 139)

Antônio Mendonça nos faz um resumo da figura de John Mott:

Foi secretário geral internacional da Associação Cristã de Moços, presidiu a Conferência Internacional de Missão, em Edimburgo (1910), e o Conselho Internacional de Missões (1921). Mott teve reconhecidos serviços à causa internacional, através dos esforços pela cooperação de todos os cristãos ao longo de quase 70 anos, ao receber o Prêmio Nobel da Paz em 1946. Chegou a presidir o Conselho Mundial de Igrejas (1954), um ano antes de sua morte. Mott escreveu diversas obras, todas versando sobre missões e cooperação internacional. (MENDONÇA, 2008)

O Movimento Voluntário Estudantil continuou crescendo e sendo atuante até a década de 20, prosperando por cerca de 50 anos. Vários estudantes aderiram ao esforço missionário, chegando ao número de 20.500, a maioria de norte-americanos.

No início do séc XX, metade dos missionários no estrangeiro era constituída de jovens estudantes. A preferência desses novos missionários era a China e a Índia. Havia neles um entusiasmo e intensa dedicação e algumas características que iriam influenciar o movimento missionário posterior e os rumos da Igreja:

Tal intensidade, combinada com seu treinamento universitário liberal, frequentemente levava os voluntários a adaptarem sua fé à nova cultura a fim de atrair mais pessoas para o cristianismo. Eles diferiam de seus ancestrais missionários, cuja educação principal se concentrava na Bíblia. Muitos dos voluntários, embora tivessem estudado teologia, haviam

também incluído em sua educação formal trabalhos de Kant (“A crítica da Razão Pura”) e de Darwin (“A origem das espécies”). Muitos haviam iniciado seu trabalho como leigos completamente despreparados para o tipo de ministério que deveriam exercer. Além do mais, seu interesse ávido pelas religiões do mundo levou-os a um respeito sem precedentes por essas religiões.

[...] Devido às convenções quadrienais, realizadas regularmente e patrocinadas pelo Movimento Voluntário Estudantil, havia um elo interdenominacional entre os estudantes voluntários que jamais houvera num movimento missionário dessa amplitude. O resultado desta associação foi um esforço de cooperação positivo entre os missionários raramente visto antes; mas ele também abriu as portas para o movimento ecumênico. (TUCKER, 1986, p. 280)

O Movimento Voluntário Estudantil vai influenciar o surgimento do ecumenismo. Percebe-se, como assinalou Tucker, a diferença em relação aos movimentos missionários tradicionais no empenho pela cooperação. Três elementos, na verdade se destacam com a iniciativa deste movimento leigo: o respeito pelas religiões, respeito pelas culturas e o espírito de cooperação. Mendonça vai explicitar melhor a diferença entre o movimento missionário e o movimento leigo e a contribuição deste para o diálogo ecumênico:

A prática do diálogo ecumênico muito deve ao movimento de associações mundiais de jovens, ao qual se atribui o uso, pela primeira vez, da palavra “ecumênico” na acepção moderna. Ela aparece na correspondência mundial de Henri Dunant (1828-1910), quando a serviço da Associação Cristã de Moços, em Genebra. Pode-se dizer, no entanto, que o movimento missionário, seja interdenominacional, seja eclesiástico-denominacional, e o movimento leigo, estavam sob a égide da *theologia perennis*. A diferença estava nos objetivos, pois enquanto as missões buscavam a conversão pura e simples das pessoas à fé cristã protestante, as associações de jovens leigos tinham como meta a vivência prática do cristianismo e a convivência fraterna dos cristãos sem acepção confessional. (MENDONÇA, 2008)

Se por um lado, o crescimento do movimento leigo neste contexto traz mais cooperação, expansão missionária e vivência prática do cristianismo, por outro, traz problemas que de certa forma provocaram retrocesso no avanço missionário e, posteriormente, divisão interna no meio eclesiástico. Tucker vai assinalar que a leitura mais modernista das Escrituras levou o movimento a manifestar traços do liberalismo protestante, introduzindo um secularismo que acabou por levar o cristianismo na China a se enfraquecer diante do comunismo (TUCKER, 1986, p. 281).

A Conferência Missionária de Edimburgo, em 1910, vai refletir muito desse momento que estamos apresentando, bem como o Congresso do Panamá, em 1916.

Quando em Edimburgo os países Latino-americanos foram deixados de lado pela organização por serem considerados já cristianizados, provocou grande contrariedade por conta de Álvaro Reis e dos missionários que já atuavam por aqui. Suas reservas em relação ao catolicismo de então eram muito fortes e eles não estavam dispostos a falar de uma possível aproximação pelo mais novo espírito ecumênico. Aqui vemos o confronto do movimento missionário influenciado pela visão cooperativa ecumênica e a visão dos missionários que já atuavam no Brasil, por exemplo, plenamente envolvidos em disputa com a Igreja Católica na busca por mais conversões.

Ao mesmo tempo, como vamos analisar em seguida, o Movimento Estudantil fazia parte de uma grande onda missionária que reverberou por todo o mundo e se manifestou de várias formas em outros movimentos. Foi gerado um grande e generalizado entusiasmo com missões e evangelização, que veio a contribuir também com as mudanças que Álvaro Reis promoveu na igreja que pastoreava.

Esforço Cristão (Christian Endeavour)

O Movimento Esforço cristão (Christian Endeavor) nasceu em 2 de fevereiro de 1881 de uma iniciativa do Rev. Francis Edward Clark, pastor da Igreja Congregacional Williston em Portland, Maine, EUA. Depois de uma semana de evangelização em sua igreja, quando 30 jovens se converteram, cerca de 60 pessoas assinaram um compromisso que passou a ser parte do futuro regimento do Christian Endeavor. A sociedade foi formada para evangelizar os jovens e levá-los a se envolver na igreja. Seu lema era “por Cristo e pela igreja”. Clark passou a criar publicações para jovens e realizar programas específicos, mantendo a sociedade com doações.

Naquele mesmo ano, o Rev. Clark escreveu um artigo intitulado “How One Church Cares for Its Young People” (Como uma igreja cuida de seus jovens). Neste artigo, Clark descrevia seus métodos e planos do grupo recém criado e enfatizava o sucesso que obteve alcançando e mantendo jovens na igreja. O artigo passou a ser conhecido através de jornais nos EUA e Inglaterra. Antes do final de 1881, uma segunda sociedade foi formada em Massachusetts, outra em Rhode Island, Maine e Vermont.

Em dois anos, já se contavam cinquenta e seis sociedades. Em 1895 a 15ª Convenção em Boston – EUA coincidiu com a primeira convenção mundial, onde se juntaram estimadamente 75.000 pessoas no lado leste das escadas do Capitólio. Nessa 1ª Convenção Mundial havia representantes da Inglaterra, Austrália, Pérsia, China, Japão, México e África. E em 1906, 67.000 sociedades de esforço cristão já tinham sido fundadas no mundo, com mais de quatro milhões de membros. (<http://worldsunion.org/history>)

Na América Latina, a expansão do movimento iniciou pelo México em 1882 com a primeira CE na igreja Congregacional em Chihuahua. Em 1895, já haviam 24 sociedades registradas no país e mais de 500 membros. (<http://worldsunion.org/history>)

No Brasil, a primeira sociedade do “Esforço Cristão” foi fundada em 1891 pela Missionária Clara Hough em Botucatu/SP. Sete anos depois, surgiu outra, em Curitiba, sob a direção da Miss. Elmira Kuhl.

Um grande incentivador do Esforço Cristão no Brasil foi o Pb. Eliézer dos Santos Saraiva (1879-1944). Era formado em Engenharia Civil pelo Mackenzie e membro atuante na Igreja Presbiteriana Unida em São Paulo. Ali ele fundou a Sociedade de Esforço Cristão, em setembro de 1900. Nesta mesma igreja, foi fundada, em 25 de Novembro de 1902, a União Nacional do Esforço Cristão, sendo eleito presidente o Rev. Erasmo Braga. O Pb. Eliézer foi secretário da Junta Nacional e da União Sul Americana do E.C. Também promoveu as primeiras convenções de Escola Dominical. (MATOS, 2004, p. 458).

Várias igrejas iam organizando suas sociedades com o propósito principal de distribuir folhetos e literatura evangélica e promover reuniões de oração e estudo da Bíblia. Em muitas delas, havia também um grupo juvenil organizado, como no caso da Igreja Presbiteriana do Rio.

Em 1907, o Rev. Francis Clark faz uma visita ao Brasil para participar da Convenção Sul-americana do Esforço Cristão, realizada na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Ele assumiu o púlpito da igreja para pregar no domingo 28 de abril de 1907, sendo traduzido pelo presbítero Myron Clark, introdutor da ACM e então Secretário Geral das ACM's no Brasil (Relatório, 1908, p. 4)

Em 1922, realizou-se em São Paulo a 1ª Convenção Pan-americana do Esforço Cristão, com representantes de vários países e diversos líderes de organizações missionárias, numa demonstração clara da cooperação e envolvimento do EC com o movimento missionário (<http://worldsunion.org/history>, 2013).

Aqui podemos constatar um importante representante dos movimentos leigos que floresceram na segunda metade do séc. XIX.

É um momento propício para algumas comparações importantes. O Esforço Cristão (E.C.), diferente do Movimento Voluntário Estudantil (M.V.E), tinha uma atuação mais voltada para a igreja, não tanto para missões estrangeiras (apesar de estarem conectados). Se o M.V.E levou muitos jovens universitários aos campos distantes da África e da Índia, debaixo de um espírito cooperativo, o E.C., de constituição mais abrangente, envolvendo adultos e crianças, concentrou forças na produção e distribuição de literatura, visando a conversão à Fé cristã.

O Esforço Cristão na Igreja Presbiteriana do Rio

Na Igreja Presbiteriana do Rio, o Esforço Cristão foi criado por derivação de uma sociedade que já existia, ampliando a atuação e agregando funções. No primeiro ano do pastorado de Álvaro Reis, ele relata a existência da Comissão de Convites:

A grande assistência dos nossos cultos deve-se em grande parte, a nossa mocidade que, há já para dois anos, constituiu uma COMISSÃO DE CONVITES, cujo fim é convidar delicada e cortezmente, por meio de avulsos ou de viva voz, os transeuntes, que passam pelas ruas e largos próximos a casa de oração, a assistirem aos cultos da nossa igreja. Sabemos também que distribuem convites em outras partes da cidade. [...] A Comissão de Convites, além de convites que distribui, também dissemina tratados evangélicos, assim oferecendo mais uma oportunidade ao povo de conhecer a Cristo, mesmo aos refratários a assistência ao culto. (Narrativa, 1898, p. 7)

Álvaro Reis procurou incentivar a atuação da Comissão de Convites, um grupo composto de jovens que se empenhavam na distribuição de literatura convidando pessoas para o culto. Este empenho inicial foi sendo aprimorado para chegar ao Esforço Cristão, que se envolveu na criação de novas comunidades nos bairros do Rio de Janeiro.

Também no primeiro ano do pastorado de Álvaro Reis foi criada a comissão de publicações. Sua primeira tarefa foi publicar as obras de Álvaro Reis: *“O Casamento Religioso”*, *“Carta aberta aos digníssimos representantes da República dos Estados Unidos do Brasil ao Senado e à Câmara dos Deputados”* (2.000 exemplares) e *“Refutação à sexta conferência do Padre Júlio Maria”* (5.000 exemplares) (Relatório, 1912, p. 7,8)

Em Julho do ano seguinte (1898), a Comissão de Convites ganha uma nova configuração, passando a se chamar Associação de Propaganda, ampliando a área de atuação, convidando pessoas não somente nos arredores da igreja, mas também no bairro do Riachuelo onde já existia uma igreja filha e Niterói, onde já funcionava uma congregação. (Narrativa do movimento espiritual e financeiro da Igreja. Rio de Janeiro, Papelaria Macedo, 1899. P 7, 43).

O relatório referente ao ano de 1899 declara a criação do jornal “O Puritano”, como parte dos objetivos da nova Sociedade de Propaganda:

Para mais e melhor realizar o fim de sua instituição, e conforme relatou o presidente da Associação no relatório do ano de 1898, principiou a 8 de Junho de 1899 a publicação de um hebdomadário – O Puritano – exclusivamente dedicado à propaganda do Evangelho, fugindo em absoluto de questões internas à Igreja Evangélica Presbiteriana do Brasil, como também de polêmica interdenominacional, ambas altamente prejudiciais aos interesses gerais da causa de Cristo. (Narrativa, 1900. P. 7)

A proposta de criação de um periódico para ser usado como propaganda evangélica foi iniciativa do próprio Álvaro Reis, apresentada à assembleia da Sociedade de Propaganda no ano anterior à fundação do jornal (Livro de atas da associação de Propaganda 18/08/1898 a 27/02/1905, ata de 12/12/1898, p. 9)

Naquele momento, nascente do Puritano os redatores eram os pastores da igreja: Rev. Álvaro Reis, Rev. Antonio Trajano, Rev. Franklin do Nascimento e Rev. Erasmo Braga.

O Puritano foi órgão informativo da Igreja Presbiteriana do Rio e também instrumento usado na evangelização, contendo artigos escritos por Álvaro Reis e outros colaboradores. Trazia também informações sobre as congregações que iam sendo criadas, as novas igrejas, reuniões da ACM e outras entidades. Continha relatórios das reuniões do Presbitério do Rio e do Sínodo e, mais tarde, da Assembléia Geral da IPB. Foi distribuído largamente pela Sociedade de Propaganda, posteriormente, Esforço Cristão. Em 1923, passou a ser o órgão informativo oficial da IPB.

Em 03 de setembro de 1903, a assembleia da Associação de Propaganda recebe a visita do Dr. A. Teixeira da Silva, delegado da União Nacional de Esforço Cristão. Este propõe a filiação ao Esforço Cristão Internacional. Com o incentivo do Rev. Álvaro, na assembleia seguinte, em 10 de outubro de 1903, é instalada a nova Sociedade de Esforço Cristão da Igreja Presbiteriana do Rio, tendo o novo estatuto aprovado e a nova diretoria eleita em 22

de outubro do mesmo ano (Livro de atas da associação de propaganda da igreja presbiteriana da capital federal dos Estados Unidos do Brasil – 18/081898 a 27/02/1905, p. 64)

Os objetivos, nesse momento, iam além da distribuição de folhetos. Pretendia-se com esta mudança um fortalecimento do aspecto espiritual e de comunhão por meio de reuniões de oração, cânticos e estudo bíblico em encontros semanais. Esta nova configuração, própria das Sociedades de Esforço Cristão, se ajustava melhor no processo de formação dos futuros missionários urbanos que se destacariam na expansão das comunidades pelo Rio de Janeiro.

No terceiro ano de organização, o relatório do presidente do Esforço Cristão informa terem sido realizadas cinco reuniões de consagração durante o ano, com a média de 58 sócios presentes por reunião. Foram feitas também reuniões devocionais a cada domingo, com média de 65 presentes. Também havia a reunião de ação de graças, feita nas segundas-feiras posteriores às reuniões de consagração. A média de presentes naquele ano foi de 51 em cada reunião. Ao final daquele ano, o Esforço Cristão contava com um total de 130 sócios. (Relatório, 1907, p. 47). Todos os pastores da Igreja naquele período tomavam assento nas assembleias do Esforço cristão. O próprio Álvaro Reis, presença constante em quase todas as reuniões, Omero Omegna, Franklin do Nascimento, Erasmo Braga e outros.

A institucionalização garante, agora, maior organização e objetividade. O intercâmbio com outras sociedades de Esforço Cristão contribui para troca de experiências e promoção de maior unidade em prol de objetivos comuns. A dinâmica implementada garantia entrosamento entre os membros da sociedade, permitindo envolvimento e comprometimento nos projetos.

A visão missionária passa a tomar conta do E.C., motivando-o ao início dos chamados pontos de pregação, para serem organizados em igrejas. A estratégia era receber as oportunidades das casas dos membros da igreja ou buscar locais propícios, partindo para a definição do local de culto, a liderança, estratégia de aproximação e continuidade.

Uma anotação na ata da então Associação de Propaganda nos dá uma ideia dos critérios na escolha do local, da estratégia para o início e passos na criação do ponto de pregação:

Pede a palavra o secretário Henrique Silva, que expõe a necessidade que há em espalhar-se as boas novas de salvação na cidade de Magé, onde nunca foi um ministro do Evangelho. Faz ver que há um consórcio que se oferece a concorrer com as despesas de viagem e que não se trata de um lugar longínquo, pois que do Rio a Magé apenas se gastam 2 horas de esplendida viagem. Conclui propondo que seja nomeada uma comissão de dois membros para convidar o Rev. Álvaro, a fim de visitar a referida cidade, caso a assembleia aprove a ida de um ministro àquele lugar, como representante da Associação de Propaganda. Posta em discussão é aprovada pela assembleia, ficando o proponente incumbido de arranjar o salão para as conferências. O sr. Presidente nomeia o sr. João Pinheiro Porto e Henrique Silva para, em comissão, convidarem o Rev. Álvaro Reis e lhe explicar o que se torna necessário. (Livro de atas da Associação de Propaganda, ata de 04/06/1900, p. 27)

Neste caso a visão era de uma iniciativa pioneira em outra cidade, onde não havia a presença de nenhum membro da igreja por perto. Daí a necessidade de se arranjar um salão. A estratégia aqui era realizar séries de conferências, ou seja, pregações continuadas em finais de semana consecutivos para atrair possíveis interessados. Ninguém melhor que o próprio Álvaro Reis, com sua reconhecida habilidade oratória, para as conferências.

O padrão se repetiria em outras localidades, usando-se as casas dos membros da igreja principalmente, alugando salas, casas, salões quando necessário, adquirindo propriedades para servirem de templo.

Comissões internas

Na realização de sua tarefa a sociedade de Esforço Cristão se subdividia em comissões que eram lideradas por um presidente e diretoria escolhida pela diretoria do E.C. No ano de 1906, atuavam as seguintes comissões: de vigilância, que acompanhava os sócios, atenta aos faltosos; de cultos; de sociabilidade; comissão de boa literatura, que tinha entre outras a tarefa de organizar e administrar a biblioteca do E.C.; comissão de visitas, que atendia sócios nos casos de falecimento, doença, aniversário, nascimento, casamento e despedida daqueles que se ausentavam em viagens ou mudavam-se; comissão de propaganda, que mantinha um dos pilares do E.C. a distribuição de literatura nas ruas da cidade; comissão de música, responsável por ensaiar novos hinos com os sócios, para serem cantados junto com a igreja; comissão de décima legião, criada para estimular a entrega do dízimo; comissão de flores, que ornamentava o templo. No ano anterior (1905), foi criada a caixa beneficente que tinha um estatuto próprio e recebia recursos oriundo de ofertas e a

comissão de socorros, que administrava esses recursos aplicados com sócios em necessidade e seus parentes mais próximos (Relatório, 1907. P. 50,51)

Essas várias comissões faziam do Esforço Cristão uma entidade multifuncional, que atuava não só na evangelização, mas também nas diversas atividades da igreja, como ressaltou Álvaro Reis em seu relatório do ano de 1911:

Além dessa grande obra evangelística, a Sociedade de Esforço Cristão, estimulando o cultivo do conhecimento das Escrituras, a assiduidade aos cultos, o interesse e atividade pelo trabalho leigo missionário; promovendo esforços para melhorar o canto sagrado, o embelezamento da Casa de Deus e concorrendo para aperfeiçoar mais que tudo isso o exercício de piedade devocional da oração – sim, a Sociedade de Esforço Cristão, tem sido um poderosíssimo auxiliar do pastor, visto como toda a sua abnegada e fervorosa atividade tem sido como é e deve ser – *tudo fazer por Cristo e sua Igreja.* (Relatório, 1912, p. 9)

Em 1924, o jornal Puritano publicou um editorial sob o título “A Igreja Presbiteriana e os leigos” onde o autor apresentava um modelo de trabalho observado em igrejas nos EUA e que em muito se assemelhava ao que estava sendo executado na Igreja Presbiteriana do Rio já há muito tempo:

Temos a vista o “The Presbyterian Magazine”, a revista oficial da Igreja Presbiteriana dos E. Unidos do Norte, em que vem relatadas esplêndidas conquistas alcançadas na Igreja americana pela obra dos leigos. Esse trabalho belíssimo é filho dos “Voluntários Leigos”, que, no círculo das igrejas locais, sob a orientação pacífica das sessões, se encarrega de organizar “grupos auxiliares da igreja”, espécie de comissões locais amparadas pelos membros da congregação.

Que fazem os “Voluntários leigos”?

Sob o controle das sessões, a primeira coisa que realizam é levantar dentro da igreja “voluntários”. Conseguindo este objetivo, formam-se as comissões: uma para auxiliar na Escola Dominical; outra, para a visitação; aquela, para ficar ao lado do pastor, ajudando-o; esta, para melhorar as finanças, mediante um cartão de compromisso entregue a cada membro, pessoalmente, e que é visitado para esse fim; outra, para trabalhar a favor da assistência aos cultos; mais outra, para descobrir os pródigos da igreja e trazê-los de novo a casa de Deus, se possível. No fim de cada mês as comissões se reúnem num “Conselho Geral”, presidido pela sessão, prestam relatórios e trocam ideias sobre o trabalho a fazer no mês seguinte. (Puritano, 1924, p.1).

Essas subcomissões, que funcionavam dentro do Esforço Cristão, tinham objetivos relacionados aos vários aspectos da igreja: Escola Dominical, finanças, controle da assiduidade, obra missionária urbana, trazer os afastados de volta, enfim, agia como força interna, verdadeiro dínamo que colocava em movimento a igreja e facilitava o trabalho pastoral e missionário urbano.

O Esforço Cristão na Igreja Presbiteriana do Rio não era apenas uma instituição de livre associação voltada para orações e estudos da bíblia. Ele estava de tal forma incrustado na dinâmica da igreja, de maneira simbiótica, que tornou-se indispensável.

O leigo, assim, não era um mero frequentador que assistia os cultos e dependia do pastor para fazer tudo. Ele se transformara em protagonista principal numa estrutura descentralizada, que agia em várias frentes, autossuficiente e que se retroalimentava, crescendo em número pelo estímulo que cada membro passava a outros que ainda estavam de fora, atraindo-os para engrossar as fileiras do exército já formado.

Esforço Cristão Juvenil

Em 23 de Novembro de 1905 foi criada com 52 associados a Sociedade Juvenil de Esforço Cristão, uma iniciativa do capitão de fragata Luiz dos Santos, que havia sido presidente do Esforço Cristão. Tratava-se de uma entidade congregando crianças que se reuniam aos domingos, em reuniões devocionais e de consagração. Faziam distribuição de literatura e levantavam ofertas. No ano seguinte à sua organização, os esforçadores juvenis recolheram 161\$299 (cento e sessenta e um mil, duzentos e noventa e nove réis) e contribuíram para a igreja, o seminário, missões nacionais, o jornal O Puritano, Hospital Evangélico, com os pobres e na própria sociedade. (Relatório do movimento espiritual da Igreja Evangélica Presbiteriana do Rio de Janeiro. Tipografia da papelaria Brasil, Rio de Janeiro, 1907).

Tinham uma estrutura idêntica à do Esforço Cristão, com uma diretoria eleita pelos sócios e atividades análogas:

Com igual e bela espontaneidade, o juvenil escolhe e canta sacros hinos e faz orações a Deus, rogando em favor de várias pessoas, associações e fins caridosos e sociais, segundo o livre desejo de seu coração. Na sociedade juvenil o menino age como sócio; exerce o direito de eleitor e é eleito para desempenhar cargos de responsabilidade. Torna-se o Sr. Presidente ou vice presidente [...] desobriga-se de honrosas comissões, visitando os consórcios enfermos, representando a sociedade perante

outras congêneres e até sobe à tribuna, onde fala de modo a arrebatador grandes auditórios. [...] Sim, aqui os juvenis agem como homens e senhores – como cavalheiros cristãos. (Relatório, 1912, p. 12)

O rigor na questão organizacional se faz sentir no tratamento dado às crianças. Não estava aqui sendo criado um órgão para lazer dos pequenos ou mesmo para somente ensinar a Bíblia. Havia a expectativa de criar, desde cedo, membros responsáveis, na verdade crianças precocemente introduzidas no universo institucional do Esforço Cristão, para serem organizados e leais soldados no cumprimento das tarefas da sociedade e da igreja.

Sociedade Auxiliadora de Senhoras

A Sociedade auxiliadora de Senhoras da Igreja Presbiteriana do Rio foi organizada em 10 de março de 1898, congregando sócias que participavam de reuniões de oração e de instrução bíblica, faziam visitas aos enfermos e faziam coletas de ofertas. Tinham uma oficina de costura e arrecadavam com listas, carnês e livro de ouro para contribuir com o Hospital, com Missões, com os pobres. No ano de organização levantaram 6:754\$700 (Seis contos, setecentos e cinquenta e quatro mil e setecentos réis). Mensalmente contribuía com 30\$000 (Trinta mil réis) para ajuda no sustento do Rev. Erasmo Braga (Narrativa do movimento espiritual e financeiro da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Papeleria Macedo, 1899. P. 5). Em 1905 já haviam recolhido 1:015\$000 (Um conto e quinze mil réis) em uma campanha de construção das dependências anexas da igreja. (Relatório, 1907. P. 6,7.).

Um plano de mobilização da igreja estava em curso. Com a locomotiva do Esforço Cristão, Álvaro Reis ampliou o alcance dos elementos mobilizados. Tudo bem estruturado, institucionalmente ajustado para que houvesse maior controle e objetividade. Contasse apenas com sua capacidade de persuasão, não chegaria tão longe. Agora, tinha os grupos organizados e focados, garantindo resultados mais precisos.

Todos os seguimentos da igreja estavam sendo envolvidos em uma só visão, compartilhando dos mesmos objetivos. Os esforços canalizados para formar missionários urbanos preparados, sejam homens, mulheres, crianças ou jovens.

CAPÍTULO 3 – O PROJETO DE MISSÕES URBANAS DE ÁLVARO REIS NO RIO DE JANEIRO DO SÉC. XIX

Século XIX - O século das luzes

O século XIX ficou conhecido como o “século das luzes” devido a uma série de inovações científicas e tecnológicas e o despertar de ideias, ideologias, filosofias e manifestações artísticas. Uma galeria de pensadores, inventores, cientistas, artistas e revolucionários viveram nesse período e influenciaram a história da humanidade deste ponto em diante.

Na ciência e tecnologia: Michael Faraday, Jean-Baptiste Lamarck, Pierre Laplace, Charles Darwin, Alexander Graham Bell, Thomas Edison, Karl Benz, irmãos Auguste e Louis Lumière, Louis Pasteur, Sigmund Freud, Max Plank;

Na literatura, Johann Wolfgang von Goethe [...] Leon Tolstói, Fiódor Dostoiévski, Alexandre Dumas, Victor Hugo, Honoré de Balsac, Gustave Flaubert, Charles Dickens, Edgar Allan Poe, Julio Verne, Mark Twain, Oscar Wilde.

Na pintura, Francisco Goya, Édouard Manet, Claude Monet, Eugène Delacroix, Edgar Degas, Pierre Auguste Renoir, Paul Cézanne, Vincente van Gogh.

Na música, Ludwig van Beethoven, Joseph Haydin, Franz Schubert, Giachino Rossini, Niccolò Paganini, Richard Wagner, Frederic Chopin, Giuseppe Verdi, Robert Schumann, Hector Berlioz, Georges Bizet, Franz Liszt, Johannes Brahms, Piotr Tchaikovsky, Claude Debussy.

Na filosofia, Friedrich Nietzsche, Georg Friedrich Hegel, Auguste Comte, Herbert Spencer, Karl Marx, Friedrich Engels. (GOMES, 2013, p. 134)

Esta lista de personagens seletos marcou de tal forma a história da humanidade que até hoje se sente os reflexos de suas obras.

O século XIX ficou marcado como um século de transformações e evolução, comparado ao período da Renascença, onde as Artes, a Filosofia e o pensamento científico experimentaram um avanço incomparável e marcante.

No século XVIII, alguns acontecimentos fundamentais abriram o caminho para as mudanças revolucionárias do século seguinte. A Revolução Industrial, na Inglaterra, afetou os meios de produção com o uso de máquinas a vapor, linhas de montagem, aumento da produção e diminuição no tempo para produzir. A Independência dos Estados Unidos em 1776 e a Revolução Francesa em 1789 foram dois grandes marcos na formação de uma sociedade organizada, com maior participação popular e fim do absolutismo. A Revolução Francesa culminou com a declaração dos direitos do homem e do cidadão e iniciou uma

época em que os cidadãos mais conscientes passaram a exigir dos governantes a contrapartida dos impostos pagos, na forma de serviços e benefícios para a sociedade; os empregados passaram a exigir seus direitos, começaram a se agremiar em sindicatos e ocupar o seu espaço sócio-político.

No Brasil, a Independência só acontece em 1822, 46 anos após a Independência dos Estados Unidos. As transformações do século das luzes chegavam aqui com um certo atraso. Porém, mudariam definitivamente a vida dos brasileiros: a iluminação pública, redes de cabos telefônicos e de telégrafos, jornais diários, serviço postal organizado entre outros avanços. O telefone não demorou a ser conhecido por aqui graças ao interesse de D. Pedro II, que teve um contato pessoal com Alexander Graham Bell no período em que o invento estava sendo apresentado em 1876. Isso fez com que poucos anos depois chegasse ao Rio de Janeiro, antes mesmo que em alguns países europeus. (GOMES, 2013, p. 137).

O telégrafo, o telefone, os navios a vapor, os automóveis de combustão interna encurtaram as distâncias, impulsionaram o comércio, aceleraram os deslocamentos, revolucionando também a comunicação e os meios de informação. Os processos industriais deixaram mais eficientes e acessíveis certos produtos como jornais e livros, que saiam de prensas movimentadas a vapor.

Isso provocava o aumento do número de leitores, a propagação de ideias e irradiação de informações. O telégrafo permitiu transmitir notícias de lugares distantes, junto com o telefone, criando a categoria dos repórteres correspondentes. Uma extensão de 156 mil quilômetros de cabos submarinos cobriam o planeta em 1880, conectando Inglaterra, Canadá, Índia, Brasil, África e Austrália.

Todos esses avanços que influenciaram a conexão entre as pessoas e a transmissão de conhecimento e informação foram decisivos na expansão missionária observada no séc. XIX. De modo especial, as novas modalidades de transporte, mais eficientes e rápidos, favoreceu o alcance de regiões ainda inóspitas ou pouco visitadas. Os avanços nas comunicações favoreceu a pregação e a ampliação de publicações e do número de leitores foi extremamente favorável à promoção das doutrinas .

Contexto religioso na cidade do Rio de Janeiro pós República

Em termos religiosos, as principais mudanças promovidas pela proclamação da república foram reunidas no art. 72, parágrafos 3º ao 7º da primeira constituição do sistema republicano, promulgada em 24 de fevereiro de 1891:

§ 3º - Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.

§ 4º - A República só reconhece o casamento civil, cuja celebração será gratuita.

§ 5º - Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a prática dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não ofendam a moral pública e as leis.

§ 6º - Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos.

§ 7º - Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência ou aliança com o Governo da União ou dos Estados. (BRASIL, 1891)

Foram mudanças importantes e que favoreciam muito os protestantes e as demais confissões religiosas. Com a nova lei ganhavam liberdade para realizar seus cultos e reuniões, casar seus fiéis, poder enterrar seus mortos e enviar seus filhos às escolas sem a preocupação da presença onipotente do catolicismo, religião oficial do império, que na República era oficialmente igualada às demais.

Na prática, porém, a aplicação da constituição não foi tão tranquila. Com o afastamento do Estado, extinguindo-se o padroado¹⁴, as lideranças católicas, na condição de representantes da religião da maioria, insistiam em continuar recebendo benefícios do poder público, como nos mostra Boanerges Ribeiro:

Quanto à Igreja Católica, ao longo dos anos, obstinadamente, habilidosamente, pacientemente, bispos e clero desprezavam o veto à “subvenção” e tratam de obter recursos do Estado para seu culto, suas obras beneficentes e hospitalares, suas escolas. Os políticos se veem em palpos de aranha para negar sistematicamente apoio à “religião da maioria”; especialmente porque os pedidos são habilidosos, diplomáticos, intermediados por pessoas a quem seria agradável (e útil) atender. Também o apoio moral, garantidor do status social, em representações oficiais nas cerimônias ou eventos da Igreja Católica. Erode-se

¹⁴ Acordo da Santa Sé com os reinos de Portugal e Espanha, estabelecido por meio de bulas papais, que concedia o direito aos monarcas católicos de administrar e estabelecer as igrejas em seus territórios e colônias. Estes, por sua vez, comprometiam-se a sustentar as igrejas e nomear párocos e indicar nomes de bispos.

sistematicamente a Constituição Republicana e, ao mesmo tempo, não se fica fora dos salões de banquete.

Em tudo isso os protestantes vão sendo colocados na defensiva, advogados de um princípio constitucional que o pragmatismo imediatista e acomodaticio de nossos políticos prefere ignorar. [...] A Igreja se viu livre do Estado; mas nem por isso o Estado se livrou do ônus acarretado pela Igreja, e pelas instituições a ela vinculadas (RIBEIRO, 1991, p. 10)

Boanerges Ribeiro cita ainda trecho de artigo de Álvaro Reis, publicado no jornal Puritano em 1899, em que denuncia o gasto de dinheiro do governo federal e municipal em favor da Igreja Romana.

O próprio Álvaro Reis já havia publicado em 1897 o livreto “O casamento religioso” onde protestava contra a insistência do clero em obrigar a realização do casamento religioso católico antes do casamento civil. Ribeiro esclarece que a insistência se dava em função de uma tentativa de manter o controle sobre os padres amancebados, que não teriam mais impedimentos para casarem-se. No entanto, aumentava, ao longo dos anos, o número de padres que se casavam no país. (RIBEIRO, 1991, p. 10, 13).

Destaca-se também um período de perseguições religiosas que foi também denunciado por Álvaro Reis até em sua viagem aos Estados Unidos. Não se tratava de um movimento de Contra Reforma generalizado, mas a multiplicação de casos locais em vários pontos do território. Boanerges Ribeiro cita Pedro Tarsier, História das Perseguições Religiosas no Brasil, 2 vols. 1936, como a mais completa resenha existente sobre perseguições aos evangélicos (RIBEIRO, 1991, p. 26). Também transcreve diversos casos de perseguição aos evangélicos extraídos de um folheto anônimo publicado em 1909. Relaciona 79 casos ocorridos nas mais diversas regiões e que incluem apedrejamentos, evangélicos jogados no rio, incêndios de casas, depredações, ameaças de morte (RIBEIRO, 1991, p. 26-36).

Digno de nota é o caso do templo presbiteriano recém inaugurado em São José do Calçado-ES, que foi incendiado e destruído. Um grupo de cerca de 92 moradores liderados pelo sub-delegado do local, derrubou o templo e ateou fogo ao que restava. O grupo chegou a ser fotografado por um comerciante local. Álvaro Reis foi encarregado pelo Presbitério do Rio de visitar o campo. De lá, sabendo do incêndio, mobilizou a imprensa do Rio. O fato foi denunciado nos jornais O País, Correio da Manhã, Folha do Dia, O Século, Diário Português e Jornal do Comércio. Vários dos grandes jornais do Rio publicaram a foto do grupo tirada no

local. Além disso, o jornal Puritano durante vários meses abria manchete de primeira página com o título “Perseguição Religiosa” (RIBEIRO, 1991, p. 38).

Este contexto de conflito com o catolicismo, seja pela defesa das conquistas constitucionais, seja pelas denúncias das perseguições, foi vivido intensamente por Álvaro Reis em seu tempo. Além destes temas, também a defesa aguerrida das doutrinas protestantes com a confrontação de doutrinas católicas, fizeram dele um escritor que concentrava sua total atenção nessas direções. Ele utilizou largamente a imprensa secular, as páginas do jornal o Puritano e as publicações que eram distribuídas pelo Esforço Cristão pelo Rio de Janeiro.

A expansão na cidade do Rio de Janeiro

Com o fim da escravidão, tornou-se necessário reorganizar o sistema e prover mão de obra para as lavouras, base da economia do país. A vinda dos imigrantes em larga escala e a desocupação da mão de obra escrava promoveu mudanças não somente no campo, mas também na cidade. Se, num primeiro momento, este contingente de imigrantes veio atraído para o trabalho da agricultura, com o passar do tempo, também acabariam sendo absorvidos pela dinâmica das cidades. O endividamento de parte deles, a crise nas lavouras de café e a seca no nordeste ocasionou migração para a cidade e consequente desorganização do espaço urbano:

Em uma economia ainda aferrada aos serviços e negócios de exportação agrária e uma industrialização incipiente, o resultado foi uma vida urbana marcada pela instabilidade, com crises cíclicas de carestia e aumentos constantes nos preços dos gêneros alimentícios ou nos custos de moradia, transporte e aluguel. E os efeitos, rapidamente sentidos diante do crescente processo inflacionário, foram a multiplicação da pobreza e um grande rebaixamento social e das condições de vida. A entrada irregular de populações vindas do campo – expulsas pela seca, pela crise agrária ou fisgadas pelas novas oportunidades da cidade – de um contingente elevado de imigrantes europeus e asiáticos ajudou a conferir aos novos aglomerados urbanos uma imagem de desarranjo e desordem (SCHWARCZ, 2012, p. 39)

Neste momento, a cidade sente o reflexo da chegada dos imigrantes. Inicialmente esperava-se que fossem a salvação para a ausência da mão de obra do negro no campo. Com o tempo, não houve a absorção necessária de todas as levas de europeus e asiáticos que chegavam. Além da crise na agricultura, conforme nos lembra Lilia Moritz (SCHWARCZ, 2012,

p. 43): “boa parte desse contingente deslocou-se para as cidades, atraído não só pelas novas oportunidades, como pelas especializações profissionais que traziam de seus países de origem”. Muitos estavam mais identificados com a vida urbana do que com a rural. Vieram juntos muitos pedreiros, padeiros, sapateiros, pequenos comerciantes.

O adensamento populacional no Rio de Janeiro promoveu aumento do custo de vida, problemas de saúde pública, dificuldade de moradia e consequente fuga para áreas periféricas.

Foi na administração do prefeito Pereira Passos (1902–1906) que o Rio de Janeiro começou a experimentar ainda mais agudamente esta emigração urbana. As obras de ampliação das avenidas derrubaram muitos cortiços e outras habitações populares. Foi o conhecido “bota abaixo”. Um projeto de urbanização que copiava Paris no Rio. A intensão era criar avenidas largas, prédios em estilo moderno. Não havia mais lugar para as populações pobres e suas casas apinhadas de gente. A crise de moradias e as epidemias forçava a fuga das populações mais pobres, em busca de locais mais adequados. Além dos morros, onde foram formando-se as primeiras favelas, os subúrbios passaram a ser a opção mais barata, principalmente com a ajuda das linhas férreas da Central do Brasil.

Na última década do século XIX, a cidade vai conhecer um grande boom demográfico, fruto em grande medida do afluxo de imigrantes portugueses e de migrantes (ex-escravos, principalmente) do interior da antiga província do Rio de Janeiro e de estados como Minas Gerais e Bahia. Era natural que tal pressão demográfica aliada à expansão dos meios de transporte levassem o mercado imobiliário a estender seus braços para o subúrbio. Este passava a ser mais visado, a ser visto como uma opção de moradia possível para vários grupos sociais nas primeiras décadas do século XX. Mas é com as reformas urbanas da administração Pereira Passos, que a discussão sobre subúrbio ganha força tanto na imprensa quanto no legislativo da cidade. Uma grave crise habitacional envolvendo as classes populares se anuncia com a onda de demolições de cortiços e estalagens. Para agravar a situação havia ainda o grande número de epidemias que tornavam problemática a vida no centro da cidade. E dado o alto custo dos terrenos dos arrabaldes mais próximos como Glória, Catete e Tijuca e mesmo São Cristóvão, bairros como Gamboa e Saúde surgiam como a opção de moradia mais viável. Porém, como o tempo mostrou, eram insuficientes para prover tamanha demanda. Surgiam então a opção dos morros localizados no centro mesmo da cidade como Providência, Santo Antônio, São Bento, Conceição e Castelo. Mas tais opções padeciam dos mesmos problemas dos daqueles dois últimos bairros. Daí que a opção que surgisse com força no horizonte fosse mesmo os subúrbios cariocas, especialmente aqueles cujos terrenos fossem cortados pelas linhas de trem da Central do Brasil, visto que as condições de transporte - junto com o

próprio preço do terreno - eram um elemento que pesava muito na decisão que um trabalhador fazia sobre o lugar em que iria residir. A partir de então, vai se consolidando todo um processo que confere à palavra subúrbio um certo sentido depreciativo. (SANTOS, 2011, p. 260)

Ao mesmo tempo, outras áreas da cidade começaram a se configurar como local da elite. Com a multiplicação de problemas de saúde e falta de espaço no centro do Rio, as classes mais ricas começaram a procurar também outras localidades. A atração principal era a questão de higiene e saúde que levou parte da elite para as localidades de praia como Copacabana e Ipanema. Inicialmente, não era uma boa opção de moradia, pois além da longa distância do centro, o meio físico dificultava as edificações e não havia infraestrutura de bairro. Para conseguir vender os lotes, os proprietários criavam uma imagem idílica, comparando com balneários europeus, onde encontraria alto grau de salubridade. Morar em Ipanema ou Copacabana era garantia de estar a salvo das terríveis epidemias que assolavam a cidade (ROCHA, 1995, p. 36).

Os mais pobres eram expulsos do centro pela expansão das largas avenidas e pelo projeto de Pereira Passos. Buscavam os subúrbios alcançados pelas linhas do trem. Os mais ricos buscavam lugares mais saudáveis e migravam para próximo do mar. Assim, observa-se que a expansão da cidade vai se efetivar em diversas direções:

O Rio de Janeiro de 1808 possuía cerca de 60.000 habitantes. Ao fim do século já se tornava uma grande cidade, de mais de 500.000 habitantes. Ia crescendo e se adensando para a zona sul do centro à Gávea, através do Catete, do vale das Laranjeiras e de Botafogo. Na direção Este-Oeste, expandia-se até Santa Cruz, termo final, dos velhos caminhos que, desde há séculos orientavam o crescimento na direção zona norte e dos subúrbios que a Central fora criando ao longo dos seus trilhos. (SILVA, 1965, p. 126)

É de fundamental importância, nesse momento, o papel dos transportes para atender a esta população, que começa a povoar áreas mais distantes do centro de comércio. Na verdade, os bairros vão ganhando forma e se estabelecendo na medida em que se disponibiliza o transporte.

Desde o tempo de D. João VI, a cidade vai observando uma mudança constante nos meios de transporte, buscando atender um público maior, atender novas áreas que se expandiam e alcançar maiores distâncias em menor tempo.

Num primeiro momento vieram os ônibus de tração animal, numa primeira tentativa de expansão da cidade ainda com D. João VI. Eram veículos de quatro rodas, dois andares, com duas ou quatro parselhas de animais e que transportavam cerca de 20 pessoas. Foram úteis na ocupação de áreas antes consideradas distantes (ROCHA, 1995, p. 28).

Chegou uma hora em que os ônibus já não atendiam tão bem. Foi o momento da evolução para os bondes.

Por volta de 1862 o Barão de Mauá, empresário pioneiro nas estradas de ferro no país, implanta no Rio uma empresa de carris urbanos (bondes), um sistema que havia dado certo na América do Norte e na Europa (ROCHA, 1995, p. 29). Inicialmente ainda puxados por burros, os bondes evoluíram para o sistema de tração a vapor e, posteriormente, para os movidos a eletricidade.

A modernização do sistema de transporte contribuiu para a ocupação dos bairros. Porém, os próprios empresários das empresas de bonde passaram a adquirir terras e lotear para oferecer em paralelo com o transporte. Assim, o empreendimento imobiliário seguia, acompanhado de perto pela expansão dos transportes:

Um outro procedimento usual na expansão das companhias ferroviárias foi a associação destas com o capital imobiliário. A Companhia Ferro Carril de Vila Isabel é um exemplo típico desse processo, tendo sua formação e expansão diretamente ligadas a um empreendimento imobiliário, a formação do bairro de Vila Isabel, na zona norte. Nesse caso, os próprios concessionários da empresa de bondes, se envolveram concomitantemente nos dois negócios. A concessão de bondes propunha uma linha que ligasse o centro da cidade aos bairros do Engenho Novo e Andaraí Grande. Parte dessa área pertencia à fazenda dos Macacos, propriedade da família imperial. Os concessionários compraram a fazenda em 1872, mais ou menos na época em que fizeram o contrato dos bondes para aquela área da cidade, e criaram a Companhia Arquitetônica, que estabeleceu um projeto de loteamento. O bairro projetado seguia o exemplo das cidades europeias, com grandes avenidas e construções modernas, e começou rapidamente a se desenvolver. A primeira linha da Companhia Vila Isabel ia do centro do Rio de Janeiro até o portão da fazenda dos Macacos, e foi inaugurada em 1873. As primeiras viagens foram gratuitas, com o propósito de apresentar aos possíveis compradores o novo bairro que se estruturava. No ano seguinte, começaram as vendas dos terrenos e as primeiras construções na área da antiga fazenda. O desenvolvimento da empresa de bondes se fez conjugado à expansão do bairro. As demais linhas da concessão só foram inauguradas em 1875 (WEID, 2014, p.13)

Assim, iam se configurando as diversas zonas de moradia, definidas pelo poder aquisitivo e pela oferta de transporte. A configuração Zona Sul, Zona Norte, Zona Oeste e Subúrbio que existe até hoje, ganhava seus primeiros contornos. O centro continuou como opção de moradia para muitos ainda. Áreas aristocráticas e populares se definiam. Copacabana e Botafogo, por exemplo, como bairros das elites e os subúrbios como Irajá e Inhaúma tornaram-se atrativos para as classes populares.

Esta configuração da cidade do Rio de Janeiro era o palco onde o Rev. Álvaro Reis haveria de espalhar os diversos pontos de evangelização por meio dos missionários leigos. Se, na sua grande maioria, os pontos de pregação e congregações se instalaram nos bairros de subúrbio, outros se desenvolveram e foram organizados em igreja nos bairros de classe alta, dando uma perspectiva da variada membresia que frequentava a igreja.

As linhas de bonde e de trem foram usadas de forma intensa pelos missionários leigos, que se deslocavam entre as congregações no trabalho de pregação nos cultos, aulas de escola dominical e administração e acompanhamento dos núcleos que foram se formando nos locais mais variados, alguns muito distantes da igreja mãe.

A importância do leigo para Álvaro Reis

O Rev. Álvaro tinha consciência do grande potencial que existia na igreja na figura do leigo, organizado pelo Esforço Cristão, como força motriz na evangelização da cidade.

Estimulando o Esforço Cristão, Álvaro vislumbrava estimular o restante da igreja. Assim, fez questão de formar nas fileiras do Esforço, missionários que se devotavam à criação e manutenção dos diversos pontos de pregação que iam surgindo pelas diversas regiões da cidade. Era como que uma tropa de elite enviada para as frentes de batalha: os que pregavam, dirigiam os cultos nos pontos de pregação, ensinavam nas escolas dominicais e distribuíam literatura:

Conforme sugestão de nosso relatório, tivemos o grande prazer de assistir a manifestação de uma nova atividade entre os associados desta corporação, em tudo fazer – por Cristo e por sua Igreja – foi o empreendimento missionário.

É assim que vários esforçadores se consagraram a essa obra, comprometendo-se de dirigirem cultos em vários pontos desta cidade, aos domingos à tarde, e nos seguintes lugares: Jardim Botânico, Laranjeiras, Estrela, Praia Formosa e Inhaúma (Relatório, 1908, p. 4).

Ele havia conseguido mobilizar a igreja, envolvendo homens mulheres, jovens e crianças em um objetivo comum: expandir o número de igrejas a partir de reuniões nas casas, distribuição de literatura e pregação no templo. O seu plano de envolver os membros da igreja nesta tarefa garantia o crescimento das comunidades e a participação de todos:

Assim a Igreja, o corpo místico de Cristo. O seu desenvolvimento depende da formação de múltiplos pontos de pregação, que se venham tornar congregações, e congregações que se transformem em igrejas. Nestes pontos de pregação, à proporção que forem sendo aceitas as doutrinas de Cristo, é necessário educar os crentes de modo tal que eles compreendam a responsabilidade própria individual, na cooperação do trabalho, quer em suas necessidades financeiras e temporais, quer em suas necessidades espirituais. E quando se trata de obra evangelística suburbana, em conexão com uma igreja local, não há a mínima dificuldade em dar esta educação – porque os crentes que formam o primeiro núcleo da congregação já conhecem esses deveres. E eles mesmos, oferecendo suas salas, para os cultos, tratam também de levantar fundos para a aquisição do mobiliário; se empenham pela regularidade dos serviços divinos, para que os mesmos tenham boa frequência e, enfim, tudo fazem pela prosperidade e estabilidade da obra iniciada.

Assim sendo, é necessário que a Igreja anime, estimule e auxilie a nascente congregação, até que se venha a transformar em igreja devidamente estabelecida. (Relatório, 1912, p. 13 e 14)

Os pontos de pregação funcionavam como núcleos de ensino doutrinário, funcionando como “mini-igrejas”, preparando-se para ser Igreja um dia. Eram sustentados em parte pela Igreja mãe e, prioritariamente, pelo dono da casa onde estavam instalados.

O ensino da Bíblia ocupava papel prioritário desde o início nos núcleos da área rural ou urbana no processo de expansão do protestantismo brasileiro, conforme nos chama atenção Antônio Mendonça:

A sede de aprender construiu, pouco a pouco, uma epistemologia cristã-protestante, desenvolveu métodos próprios e, nas áreas missionárias, foi servindo de atração para futuros convertidos, principalmente por intermédio das crianças que aderiram às reuniões conduzidas por habilidosas missionárias-professoras. Por outro lado, exerceu também o papel de fixar as doutrinas e a ética nos recém-convertidos. (MENDONÇA, 1984, p. 61)

Importava que os novos crentes recebessem doutrina consistente para transformarem-se em futuros missionários e darem prosseguimento a pregação.

Assim, os membros da igreja eram estimulados a abrir em suas casas os protótipos de igreja, acolhendo os novos crentes que iam sendo instruídos pelos mais experientes. Cada ponto de pregação era parcialmente independente e autossuficiente financeiramente.

O trabalho de missão urbana acontecia por obra dos leigos em todas as etapas. Os membros da igreja ofereciam suas casas onde se realizavam os cultos e as aulas de escola dominical. Ali mesmo administravam o crescimento do grupo que ia se formando. A liderança e o acompanhamento geral estavam a cargo do Esforço cristão que enviava seus associados mais experientes aos pontos de pregação para servirem de pregadores nos cultos e professores nas classes de escola dominical. Esses associados que lideravam localmente eram normalmente presbíteros e diáconos.

A estratégia consistia na formação de pequenos núcleos de evangelização, os pontos de pregação, que cresciam em número e estrutura, passando a congregações e, ao atingir certo grau de autonomia financeira e de suporte na liderança, eram organizadas em Igreja. Nesse momento, ou antes, um novo local, mais amplo, era procurado, normalmente um terreno onde se erguia o templo.

Os leigos se responsabilizavam pelo discipulado dos novos crentes. Atendiam às necessidades das congregações nos subúrbios pela liderança do Esforço Cristão que possuía seu pequeno exército de obreiros missionários, formado por presbíteros, diáconos e outros membros mais experientes e que eram deslocados para os mais diversos pontos nos bairros próximos e mais distantes. Muitas dessas congregações eram gerenciadas pelos próprios donos das casas onde funcionavam.

Em 1924 é anunciada a criação de uma classe de missionários leigos:

Para regularizar, desenvolver e consolidar a obra evangelística nos subúrbios criamos a *Classe de Missionários Leigos*, com um curso especial de estudos sobre a Bíblia seguindo as lições dominicais; o Breve Catecismo comentado; e outros livros, a saber – Como trazer homens a Cristo, de Torrey; Palestras Íntimas sobre o Poder, de Gordom, e O Tríplice segredo do Espírito Santo de Meconkey. E este esforço já está produzindo bons resultados. Já cogitamos também de dar aos missionários leigos algum ensino prático de português, literatura e de homilética.

Para este grande empreendimento necessitamos o concurso altruísta dos irmãos intelectuais e da dedicação, as vezes até o sacrifício dos Missionários Leigos. Sim, temos tido muitos irmãos que, para esta obra evangelística, levantam-se aos domingos às quatro da madrugada para tomar o trem e só regressam às onze horas da noite (Relatório, 1925, p. 16)

Aqui vemos a preocupação em dar boa formação aos missionários urbanos e o grau de envolvimento que todos tinham, precisando do sacrifício para dar conta da demanda em tantos pontos de pregação e congregações instaladas nos subúrbios mais distantes. Nota-se além do empenho em dar formação, o destaque ao grande esforço dos “missionários leigos” em atender aos pontos de pregação deslocando-se cedo de trem para os subúrbios, retornando tarde da noite.

No seu relatório do ano de 1918, Álvaro Reis faz uma descrição da participação dos oficiais da igreja e dos membros comuns e do resultado alcançado com o surgimento das congregações e aquisições de imóveis para os futuros templos:

Foi o movimento leigo uma das mais belas características do ano próximo findo. Já se passaram alguns anos que o iniciamos no constante empenho, a que nos consagramos de evangelizar as populações dos arrabaldes e subúrbios desta capital. E para esse glorioso empreendimento foi-nos necessário contar com a valiosíssima cooperação dos oficiais da igreja – presbíteros e diáconos – e mesmo com a dos simples membros ativos de nossa comunidade. O resultado desse abençoado esforço evangelístico são as 5 igrejas filhas já organizadas e as 15 congregações que, a pouco e pouco, se vão desenvolvendo, com maior ou menor prosperidade, ou até mesmo mantendo-se com algumas evidentes dificuldades, visto, talvez, a falta de experimentada competência, de alguns obreiros. Não obstante, a obra evangelística prossegue sempre com animadoras esperanças e, as vezes, com abundantes frutos na conversão de pessoas, ou no progresso associativo, mediante a organização de escolas dominicais, de sociedades de senhoras e de esforço cristão, ou ainda pelo aumento apenas dos auditórios.

Algumas destas congregações já possuem capelas; outras estão construindo ou projetando construir, casas de oração; outras já possuem terrenos e ainda outras já dispõem de alguns fundos pecuniários para a construção de projetados templos. E este problema construtor, que nos parecia difícilimo de resolver, a pouco e pouco se vai solucionando, de maneira menos aflitiva e até mesmo motivando maior entusiasmo. (Relatório, 1919, p 4)

Vários nomes de oficiais e membros da igreja são citados como parte do grupo de missionários urbanos, associados do Esforço Cristão que pregavam nos cultos e ensinavam nas escolas dominicais, deslocando-se durante a semana entre várias congregações distantes umas das outras:

Presbítero Cristiano de Faria, pregador itinerante nas congregações e igrejas; Presbítero José de Assunção Macedo – Congregações de Fontinha e Santa Cruz; Presbítero Dr. João Lobo Viana; Diácono Alcino Demby Correia – Superintendente da Escola Dominical

na igreja mãe, pregador nas congregações de Engenheiro Neiva, Madureira e outras; José Gomes Duque Estrada – dirigia a congregação de Inharajá, onde mantinha uma escola primária; Manoel Joaquim de Faria – Congregação de Tomás Coelho; 1º Ten. Ascânio Vianna, Stenio Machado e Cypriano de Faria, auxiliares na Congregação de Nova Iguaçu, atuando também em Tomás Coelho, Eng. Neiva, Ilha do Governador e Inhaúma; Manoel Constâncio Alves – congregação da Penha; Otaviano Barbosa, Cypriano Machado, Domingos Roque, Cristiano de Faria, Antonio Fernandes, Eunice Macedo – congregação da Ilha do Governador; João Francisco de Oliveira – congregação de Realengo. Cita os missionários do Esforço Cristão: diácono Olympio Costa – congregação Balleur (Anchieta), Adalberto Americano – congregação de Madureira; Joaquim Felix da Silva Rocha, Dr. Joaquim Felix da Silva Rocha, Prof. Demby Correa, Alfredo Rebouças, Cypriano Machado, Augusto da Silva, profra. D. Maria Silva – congregação de Eng. Neiva. Também pregaram na igreja mãe os seguintes leigos: Dr. Erasmo de Macedo, Dr. Gustavo Armbrust, Dr. João Lobo Vianna, Dr. Ascânio Vianna, Dr. Joaquim Felix, Dr. Paulo Cesar e prof. Demby Correa. Cita também um membro da igreja Metodista, prof. José Maria da Assumpção, que era pregador nas congregações de Fontinha, Tomás Coelho e Taquara.

Destaca o trabalho das mulheres citando: profra. Zulmira Torres, Maria Pereira e outras na congregação de Nova Iguaçu, além de outras tantas não citadas nominalmente, mas igualmente envolvidas nas atividades das congregações, escolas dominicais, sociedades de senhoras, juvenis e esforço cristão. (Relatório, 1919, p 4 - 8)

A igreja pode contar com a participação também de pastores que passaram pelas congregações como foi o caso do Rev. Belmiro César que era responsável pelas congregações de Santa Cruz, Fontinha, Inharajá e Ramos (Relatório, 1918, p. 29). Rev. Américo Cardoso de Menezes que passou por Fontinha, Anchieta, Nova Iguaçu, Realengo, Campo Grande, Santíssimo e Marechal Hermes. Rev. Victor Coelho de Almeida que auxiliou em Bento Ribeiro e Madureira (Relatório, 1925, p. 15).

Álvaro Reis fazia pessoalmente a superintendência das congregações, visitando os diversos pontos nos dias da semana, pregando nos cultos locais e acompanhando de perto o desenvolvimento das novas comunidades. Este trabalho o transformava em um gerente de missões e não mais num pastor comum que se ocupa com suas ovelhas particularmente, visitando-as em suas casas. Não lhe sobrava tempo para o ministério pastoral corriqueiro:

É com grande satisfação que registramos o nosso progresso na obra evangelística desta grande capital da República.

E como não há prazer completo, neste mundo, forçoso é confessar que este esforço evangélico tem prejudicado um dos nossos deveres pastorais, também de suprema importância para a vida da igreja.

Sim, durante este ano, temos dirigido cultos regularmente às quartas, quintas e sextas-feiras, além de duas vezes aos domingos. Algumas vezes, às terças-feiras e aos sábados, também temos dirigido cultos em pontos fora da capital, como em Charitas e Jurujuba, Niterói e ainda outros lugares. Ora, o resultado deste serviço catequista quase diário, e o da publicação semanal do *Puritano*, nos tem impossibilitado, por absoluta falta de tempo, de atender ao serviço domiciliar de visitas pastorais, que são restringidas aos doentes e, ainda assim, não tantas quanto deveriam ser (Relatório, 1908. P. 4).

Distribuição de literatura

A ênfase na publicação e distribuição de folhetos, livretos e convites era intensa. Em uma das assembleias do Esforço Cristão, o presidente informa a decisão da diretoria de mandar imprimir 20.000 convites evangélicos. Posto em discussão é resolvido que em 15.000 estaria sobressaindo o nome do pastor e em 5.000 sem o mesmo.

No primeiro relatório da Sociedade de Propaganda (1899), é informado um número de 33 associados e que foram distribuídos 8.000 convites nas imediações da igreja, mais 300 livretos, um total de 8.300 publicações.

O mesmo relatório informa que a tiragem inicial do *Puritano*, lançado naquele ano, é de 500 exemplares, tendo já 400 assinantes. Também é feito um cálculo do número de pessoas alcançadas, considerando que cada jornal seria lido por cinco indivíduos, estaria em torno de 2.500 pessoas.

No ano seguinte (1900) já contavam com 80 sócios e a tarefa de distribuição foi dividida em dois grupos: uma comissão matutina e outra vespertina. Conseguiram naquele ano entregar 3.700 convites, 2.700 panfletos, 2.500 livretos e 1.800 números de “O *Puritano*”, perfazendo um total de 10.700 publicações. (Relatório, 1902, p. 88)

Em 1905, foram distribuídos 15.000 exemplares do folheto “E Morreu” de autoria do Rev. Álvaro Reis, 3.500 exemplares de uma edição especial de “O *Puritano*”, 4.800 da edição normal, 2.857 folhetos diversos e 10.000 convites especiais, perfazendo um total de 36.157 publicações distribuídas (Relatório, 1912, p. 8 e 9)

Em 1906, é relatado a distribuição de 225 porções da Bíblia e 4.468 exemplares do *Puritano*. Neste ano, Álvaro Reis editou um folheto “antiespírita” de cunho evangélico,

“Regeneração e Reencarnação”. A tiragem foi de 41.600 exemplares e, em um só dia (2 de novembro, feriado de finados) foram distribuídos 28.000 exemplares, com o auxílio de outras denominações evangélicas da capital. Animado pelo bom resultado na distribuição, ele manda imprimir 50.000 exemplares do seu sermão “O tribunal de Cristo” (Relatório, 1907, p. 11). No ano seguinte, já tinham distribuído 47.000 exemplares.

O uso de literatura já vinha sendo utilizado no Brasil desde o tempo de Kidder e Fletcher, colportores pioneiros que espalharam bíblias em diversas regiões e sempre foi parte integrante nas diversas experiências missionárias desde então. Esta estratégia se tornou imprescindível para alcançar a mente dos brasileiros, garantir maior alcance e posicionar o discurso anti católico romano.

Não apenas através da venda de bíblias e livros e distribuição de panfletos, mas também publicando artigos nos jornais de grande circulação. A Constituição do Império (1824) já garantia a necessária liberdade de expressão:

Todos podem comunicar seus pensamentos por palavras, escritos e publica-los pela imprensa, sem dependência de censura; contanto que hajam de responder pelos abusos que cometerem no exercício desse direito, nos casos e pela forma que a lei determina. (BRASIL, 2013, Art. 179. IV)

Estava bem claro na visão dos missionários que era de suma importância fazer chegar às mãos dos brasileiros a bíblia e a literatura que apoiava a pregação. Simonton já apontava isso quando, em 1867, apresentou ao Presbitério do Rio de Janeiro uma lista de ações que considerava imprescindíveis para a evangelização do Brasil:

Outro meio de pregar o Evangelho é a disseminação da Bíblia e de livros e folhetos religiosos. Deste modo, pode-se dar notícias de Jesus a muitos que não querem assistir ao culto público. Nesta época a imprensa é a arma poderosa para o bem, ou para o mal. Devemos trabalhar para que se faça e se propague em toda a parte uma literatura religiosa em que se possa beber a pura verdade ensinada na Bíblia.

[...] O cristão evangélico que do princípio do ano até o fim não espalha nenhum livro ou folheto nem folha, não tem convicção do seu dever. (SIMONTON, 1994, p. 5)

A distribuição de literatura não era atividade restrita aos missionários e pastores, ao contrário, era estimulada a ser praticada por todos os crentes, como Simonton frisou. Esta

prática de evangelização vem sendo adotada até os dias de hoje, por todas as denominações evangélicas.

Produzir a própria literatura passou a ser a evolução da estratégia. Robert Kalley começou importando literatura e tinha uma equipe de colportores para distribuir. Passou posteriormente a publicar nos jornais, inicialmente traduzindo “O Peregrino” e depois escrevendo artigos próprios. Ele entendia o grande alcance de um artigo publicado em jornal de grande circulação.

Além de publicar em jornais seculares, a oportunidade de ter o seu próprio jornal foi desejo do próprio Simonton quando fundou o “Imprensa Evangélica”. O jornal não cumpria apenas a função de ser informativo da denominação, ele ia além, sendo ferramenta didática, veículo evangelístico, elemento que supria a presença da igreja, do pregador e do pastor onde eles não podiam estar. Em muitos casos, na expansão das pequenas comunidades que iam se formando, antecedia a chegada do missionário, como informa Boanerges Ribeiro:

As fronteiras da nova igreja não param, é um fluxo constante de gente que vai, gente que vem, gente que chama os pregadores e não pode ser atendida. [...] Entrementes, a *Imprensa* vai lá, atende, prega, edifica, instrui, levanta o moral e o entusiasmo. Em Ubatuba, a igreja nasceu em torno dela, e como resultado de sua leitura antes que ali chegassem pregadores. (RIBEIRO, 1981, p. 101)

Quando “O Puritano” foi fundado, havia a mesma expectativa, de que o jornal chegasse onde ainda não havia igreja. Que chegasse antes para evangelizar, que chegasse depois para instruir e aperfeiçoar.

Na Igreja Presbiteriana do Rio havia também outra comissão, que havia sido criada para publicar o primeiro folheto escrito pelo Rev. Álvaro: a comissão de publicação. Surgia aqui uma estratégia que envolveria especificamente a sociedade de Esforço Cristão e seria utilizada amplamente na divulgação dos escritos do Rev. Álvaro e na tarefa evangelizadora da igreja.

O começo das atividades de publicação no ministério de Álvaro Reis apontava o caminho que iria seguir adiante: literatura apologética e polemista:

[...] Durante o ano organizou-se uma comissão para fazer a publicação do folheto *O Casamento Religioso*, do qual é autor o nosso pastor, e cujo interesse social era e é de alta importância, pois importa ele um brado de alarme, contra a realização do casamento religioso feito pelo

clero romano antes do casamento civil, único reconhecido e válido perante as nossas leis. Além desse tratado publicou a mesma comissão uma enérgica *Refutação à sexta conferência do Padre Júlio Maria*. Esse padre, querendo chamar a odiosidade pública contra os protestantes, procurou convencer ao povo fluminense que nós não cremos em Deus e nem tememos a autoridade! ... Eis até onde vão os padres da igreja romana!... O resultado desse satânico esforço contra nós foi que a publicação feita, que teve a tiragem de cinco mil exemplares, foi esgotada em menos de um mês! (Narrativa, 1898, p. 7 e 10)

A literatura polemista ocupou lugar central nos escritos de Álvaro Reis. Ao longo de seu ministério, envolveu-se com dezenas de assuntos em debates pelos jornais que se transformavam depois em publicações. Essas publicações por sua vez eram multiplicadas em grandes tiragens para serem distribuídas pelos sócios do Esforço Cristão.

O Rev. Álvaro contribuía publicando livros e sermões seus, dos quais faziam-se grandes tiragens para distribuição. Ao completar 10 anos no pastorado da Igreja do Rio, o Rev. Álvaro Reis já havia publicado em 1897 – “O casamento religioso”, “Refutação da sexta conferência da assunção pelo padre Julio Maria”, “Conferência sobre a caridade”; 1898 – sermão: “os filhos de Deus”, sermão: “Adoção”; 1901 – “O Espiritismo”, sermão: “O tribunal de Cristo”, sermão: “O clamor das pedras” (2ª edição); 1902 – “Os verdadeiros irmãos da bendita virgem Maria” (duas edições em folhetos, a primeira com 10.000 exemplares e a segunda com 16.090); 1903 – sermões: “A Vitória da Fé” e “Os Escândalos”; 1905 – “E morreu...”; 1906 – “Reencarnação e regeneração” (edição de 41.600 exemplares), sermão: “O Tribunal de Cristo” (2ª edição). O total das publicações chegava a 1.327.600 exemplares (Relatório, 1908, p. 17,18).

Em 1908, Álvaro Reis, refutando as acusações do padre Júlio Maria contra o protestantismo, realizou três conferências que lotaram o templo da igreja e repercutiu na imprensa, com a publicação das mensagens do Rev. Álvaro no Jornal do Comércio e no jornal “O País”. Além disso, ele mandou publicar 10.000 exemplares de livretos com essas pregações. Até aquele momento, já havia sido distribuídas cerca de 18.000 exemplares do panfleto “Os verdadeiros irmãos da bendita virgem” (Relatório, 1908, p. 12-13).

Mantendo uma característica básica das Sociedades de Esforço Cristão, a distribuição de literatura, Álvaro Reis aplicou como recurso importante na expansão das comunidades e como ferramenta na pregação. Assim, tornava conhecida a sua mensagem, confrontava seus opositores, garantia visibilidade e angariava conversões.

O Esforço Cristão surgiu no contexto interno da igreja, desenvolveu-se no mundo inteiro como sociedade de leigos que trabalhavam para fortalecer a igreja local. O seu lema “Por Cristo e pela igreja” resume bem os seus objetivos. Na Igreja Presbiteriana do Rio exercia um papel abrangente, não somente influenciando o fortalecimento da igreja com as subcomissões, como no cumprimento da visão de Álvaro Reis de alcançar a cidade do Rio através dos pontos de pregação, congregações e igrejas organizadas. Valia-se, para isso, da distribuição de literatura, publicações nos jornais, por meio do jornal Puritano, dos cultos e das escolas dominicais das congregações, das sociedades de senhoras e da pessoa de cada leigo que se apresentava disposto.

Congregações e Pontos de Pregação

No projeto missionário de Álvaro Reis, o alvo principal era alcançar toda a cidade do Rio de Janeiro. Visualizava chegar aos subúrbios através das congregações que transformaria em igrejas. Ele enxergava a importância da cidade do Rio de Janeiro, Capital da República, como polo irradiador de negócios e de cultura. Segundo pensava, evangelizando o Rio de Janeiro evangelizaria o Brasil:

Estamos convencidos da suprema importância desta missão, não só por causa da posição excepcional desta cidade, como capital da República e sua grande população, mas por ser o centro natural e diretor de todos os negócios nacionais, por ser o laço de união entre todos os estados federados, por ser, na verdade, o coração do Brasil. Assim como evangelizar o coração é evangelizar o homem e sua vida, evangelizar o Rio de Janeiro é, de algum modo, também evangelizar o Brasil. [...]

Em nosso venerado sínodo, reunido em São Paulo, a 12 de julho de 1906, foi lembrada a grande conveniência de ser feito, durante o atual triênio, um grande esforço em prol da evangelização de nossa amada pátria. [...]

Dominado desse ardente desejo, declaramos aos nossos irmãos que estaríamos certos de não ficar um subúrbio desta capital sem receber os convites da salvação.

Graças a Deus, o nosso apelo não foi em vão, e já pregamos o Evangelho nos seguintes lugares: Morro do Pinto, Morro do Livramento, Saúde, Matoso (dois lugares), Encantado, Madureira (dois lugares), Caju, Rua General Câmara, Rua da Misericórdia, Rua Frei Caneca, Botafogo e S. Diogo. (Relatório, 1907, p. 7, 10)

Esta visão ampla do campo missionário se tornava imprescindível, pois a missão urbana não conhece barreiras. No entendimento de Álvaro Reis, a presença da igreja em cada subúrbio era um determinante no cumprimento da missão. Cada bairro, por mais

distante ou difícil de alcançar, era considerado parte do terreno no qual a igreja se faria presente, inserida na realidade dos moradores, influenciando com a mensagem do Evangelho. Ariovaldo Ramos reflete exatamente sobre a presença transformadora da Igreja, vivendo na cidade e da cidade, porém, sem “contemporizar”:

Se os doze discípulos estavam circunstancialmente restritos a Israel, a Igreja não deve conhecer mais qualquer limitação racial, geográfica, econômica ou social, mas sim alcançar todas as cidades. A Igreja em cada cidade há de anunciar e advertir sobre o Reino dos céus (Mt 4:17), ir ao encontro dos enfermos, eliminar os sinais de morte, eliminar a discriminação de qualquer natureza, desalojar os principados e potestades. Não deve portar-se como um corpo estranho à cidade, mas viver nela e dela obter o seu sustento, identificando-se com a cidade. A Igreja, contudo, nunca deve contemporizar com a cidade rebelde, sob pena de sofrer as consequências do juízo que cair sobre ela e, também ser julgada por Deus por sua descaracterização (RAMOS, 2009, p. 68,69)

Era uma visão ambiciosa, que exigiria muito trabalho e dedicação. Caso fosse realizar sozinho, seria impossível, mas ele prosseguiu neste objetivo, chegando a vários subúrbios com as congregações lideradas e sustentadas por leigos.

Álvaro Reis era um representante do grupo de pastores nacionais que se destacariam em seus ministérios. Era uma prova da capacidade da liderança local que via a necessidade da igreja trilhar um caminho autônomo, sem mais necessidade da *atuação* das missões americanas, que já tinham deixado seu precioso legado. Era necessária uma liderança local para assumir a responsabilidade no contexto urbano do Rio de Janeiro. Robert Linthicum destaca que somente uma igreja local consegue ministrar a uma cidade com eficiência:

Acreditar que um ministério urbano pode ser realizado por organizações missionárias ou denominacionais sediadas em outra parte do mundo é um absurdo. A questão chave é o que aconteceria a esse ministério se, por alguma razão, a organização missionária ou denominacional fosse forçada a deixar o país. A resposta a esta pergunta é a vulnerabilidade de uma organização externa e a fraqueza inerente de um ministério centrado em qualquer pessoa, em vez do povo local. (LINTHICUM, 1996)

A seguir, listaremos as congregações que foram iniciadas no período do pastorado de Álvaro Reis na Igreja Presbiteriana do Rio, de 1897 a 1925. Tomaremos como base de consulta os relatórios de movimento espiritual e financeiro que foram publicados

anualmente, durante todo o período em que ele esteve à frente da igreja. Outras fontes também serão citadas.

As informações nem sempre eram completas. Algumas congregações receberam poucos registros. Em algumas delas, não foi possível verificar se foram adiante ou se encerraram suas atividades. Outras receberam maior atenção, provavelmente, em função de seu desenvolvimento. Essas vieram a ser organizadas em igreja.

Riachuelo

Riachuelo era a igreja mais antiga, tendo o embrião de atividades em 1891 numa casa na Rua da Conceição, centro do Rio, residência do Sr. João F. Meira. Quem liderava as reuniões era o presbítero Guilherme Baker. Em agosto de 1892, as reuniões foram transferidas para uma casa alugada na Rua Ana Neri, 234, que foi adaptada para ter um salão de cultos. Em 21 de Janeiro de 1894, uma comissão do presbitério do Rio liderada pelo Rev. Antonio Bandeira Trajano contando também com o Rev. James Burton Rodgers, Antonio André Lino da Costa, John Merryl Kyle e George Chamberlain organiza a novo igreja. Naquele dia foram recebidas 18 pessoas como os primeiros membros (Igreja Presbiteriana do Riachuelo, 2013).

Dentre os membros fundadores estava Myron Augusto Clark, precursor da ACM no Brasil, e sua esposa Francisca Pereira Clark. Ele foi eleito presbítero na nova igreja. No ano anterior, havia iniciado as atividades da ACM (YMCA) no Rio de Janeiro.

A Igreja estava sob jurisdição do Presbitério e foi passada à direção da Igreja Presbiteriana do Rio em Junho de 1901 (Relatório, 1912, p. 15).

Niterói

Quando o Rev. Álvaro Reis chegou à Igreja do Rio em 1897, havia apenas uma Congregação, a de Niterói que se mantinha com seus próprios recursos. O presbítero Jorge Baker em seu relatório naquele ano já mencionava o aumento do número de participantes, fruto das pregações do Rev. Álvaro:

Esta congregação já há alguns anos vive dos seus próprios recursos e certos tempos com maior e outras vezes com menor animação, vai, entretanto, cumprindo o seu dever de anunciar o Evangelho aos pobres.

Ultimamente, com a vinda do Rev. Álvaro dos Reis e com as suas fervorosas pregações, as reuniões têm sido mais concorridas e nota-se

maior espiritualidade entre os irmãos e parece que algumas pessoas favoravelmente inclinadas a seguirem a Jesus Cristo. No ano que se findou, dois congregados fizeram a sua pública profissão de fé na Igreja mãe na Capital Federal. Oxalá que o ano de 1898 seja um ano de maior benção para a nossa pequena Congregação. Semeemos e oremos que a seu tempo colheremos. (Narrativa, 1898, p. 16).

Ao que tudo indica, naquele momento reuniam-se em local alugado. Posteriormente, vieram a reunir-se na Rua Gen. Andrade Neves, nº 01, na casa do Presbítero da Igreja do Rio, Jorge Frederick Baker e de sua esposa, Mary Ann Prescott, de origem irlandesa. Ele dirigia as reuniões dominicais e o Rev. Álvaro passou a ir ali também nas quartas-feiras, numa reunião à noite. No ano de 1898, contaram com o pastorado do Rev. Erasmo Braga, sendo o mesmo sustentado pelos recursos da própria congregação. (Narrativa, 1899, p. 20). Este veio a ser o primeiro pastor quando se organizou a Igreja.

O presbítero Jorge Baker também contribuía generosamente para o prosseguimento das reuniões. Doou o terreno e contribuiu para a construção do templo na mesma Rua Gen. Andrade Neves, agora no nº 134. A Igreja foi organizada em 1º de fevereiro de 1899 e a sociedade de senhoras no dia 21 do mesmo mês. (1ª Igreja Presbiteriana de Niterói, 2013).

O Presbítero Jorge Frederico Baker, missionário leigo, é um bom exemplo do espírito de disposição e liberalidade que dominava os membros da igreja do Rev. Álvaro. Ele ofereceu a própria casa para realizar as reuniões e contribuía financeiramente com generosidade para ver implantada a nova igreja. O Rev. Alderi de Souza Matos nos dá mais detalhes sobre a vida deste atuante presbítero:

Ainda bem jovem, Jorge tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, fundada pelo Rev. Ashbel G. Simonton. Foi eleito diácono em 1887, no segundo pastorado do Rev. Antônio Bandeira Trajano, e ordenado presbítero em 1896, no pastorado do Rev. James Rodgers. Alguns anos antes, a igreja havia iniciado uma congregação em Niterói. Em 1891, o diácono Jorge Baker tornou-se o responsável por essa congregação e mudou-se para Niterói com a esposa Mary Ann Prescott (conhecida como Mariana ou Zila) e os filhos. Nos anos de prosperidade, ele teve uma torrefação de café perto do Largo do Rique, no centro da cidade. Comprou então um grande terreno na Rua General Andrade Neves, que dividiu em dois. De um lado construiu um palacete para a família; na outra parte, com a ajuda dos primeiros presbiterianos da cidade, edificou o templo. Ele não apenas doou o terreno, mas trabalhou ativamente na construção.

[...] Jorge iniciou e manteve várias congregações. Abriu uma congregação na sua residência em Santa Izabel, na qual trabalharam os Revs. Constâncio Omegna e Bernardino de Souza. Também fundou uma congregação no Largo do Barrada. Colaborou com os muitos pastores que

serviram a Igreja de Niterói: Erasmo Braga, Álvaro Reis, Franklin do Nascimento, Constâncio Omegna, Bernardino de Souza, Henrique Louro de Carvalho, Júlio Nogueira, Lisânias de Cerqueira Leite, Clertan Arantes, Armando Ferreira, Agenor Mafra e outros. Contribuiu generosamente para muitas causas e instituições, como o Hospital Evangélico e o Seminário Presbiteriano. Teve participação constante e ativa nos concílios da igreja (Presbitério, Sínodo e Assembléia Geral). (MATOS, 2014)

Botafogo

Em Botafogo, as reuniões aconteciam na Rua da Passagem 37, casa de Alfredo Pinto da Gama. Sua esposa costumava chamar os vizinhos para um culto doméstico. O número de pessoas foi aumentando e, em 1872, passou à condição de ponto de pregação, com funcionamento de escola dominical, também. Alfredo Pinto da Gama tinha a colaboração de Pedro Perestrello da Câmara, que foi o primeiro presbítero ordenado pelo Rev. Simonton, em 1866.

Em 03 de junho de 1906, foi organizada a Igreja no mesmo endereço com dezenove membros. Neste ano, a Igreja do Rio, além da Igreja de Botafogo já tinha organizado também, em 1894, a Igreja Presbiteriana do Riachuelo e, em 1899, a Igreja Presbiteriana de Niterói.

Em 1908, passou a pastorear a Igreja o Rev. Samuel Barbosa, ordenado naquele mesmo ano.

Caju

Na ponta do Caju, havia reunião na casa de Virgílio Brito. Ali, em 1901, já se ampliava o salão de culto, por já não comportar o número de pessoas que compareciam. Eram realizados cultos às quartas-feiras e escola dominical nos domingos à tarde, além de uma escola noturna para jovens e adultos. O relatório em 1901, já indicava que diversas pessoas que frequentavam ali as reuniões já haviam professado a fé na Igreja.

Em 26/12/1908, foi organizada a Igreja com trinta e cinco membros, vinte e três maiores e doze menores. As reuniões eram nas sextas, com pregação, e domingo pela manhã, com escola dominical. Planejavam poder construir o templo e ter um pastor. No ano seguinte, alugaram um salão para acomodar as mais de cem pessoas que participavam dos cultos, receberam mais membros e já eram 58 no total.

Em 14 de janeiro de 1902, na Rua São Luiz Gonzaga 130, iniciou-se um ponto de pregação, que deu origem à Igreja Presbiteriana Independente.

Sapopemba (Deodoro)

Em Sapopemba, as reuniões estavam recém-inauguradas. No final do ano de 1906 é relatado, porém, que já contavam com a participação de mais de setenta pessoas, reunidas na casa de João Teixeira Sobrinho.

Arraial de Pirapitinga (Resende)

Arraial de Pirapitinga era uma congregação localizada próxima a Resende e ligada à Igreja do Riachuelo. À frente, estava Adelaide Lopes Salgado. É citada no relatório de 1906. Naquele ano, o pastor não pode visitar esta congregação.

Matoso

Matoso foi iniciada em 1906, na casa de Antônio Gomes de Alencar, na Travessa da Angustura nº 5, Praça da Bandeira, com cultos às quartas-feiras.

Laranjeiras

Congregação de Laranjeiras iniciou suas reuniões no dia 15 de maio de 1906, na Rua das Laranjeiras, 27, casa de João Rodrigues Moreira. No início, enfrentaram oposição com ameaças e até apedrejamento, o que os obrigou a buscar ajuda policial.

Por lá, houve breve passagem do Rev. José Orton, da Igreja Fluminense. Quando este saiu daquela Igreja, a direção da congregação voltou para os leigos. O Rev. Álvaro foi convidado a fazer uma pregação no local, o que atraiu muitas pessoas. Animados, os participantes pediram que fosse realizado uma série de conferências com outros pregadores, o que fez aumentar a frequência e os motivou a fazer obras na casa para ampliar o local de culto.

O Esforço Cristão esteve assumindo a liderança por um tempo, mas depois retornou aos cuidados de João Rodrigues Moreira.

Copacabana

Em 1909, um grupo de crentes da Igreja Presbiteriana do Rio se uniu para alugar uma casa na Rua Barata Ribeiro, 331. Ali, foi realizado o primeiro culto em 25/01/1910, sob

direção do Rev. Constancio Omero Omega. Continuaram reunindo-se as Terças-feiras a noite. Em maio de 1910, iniciaram a escola dominical. Em 1912, transferiram-se para a Rua Barroso nº 28. Naquele mesmo ano, a Assembleia da igreja mãe deliberou pela compra de um terreno na Rua Barata Ribeiro, 297 para construção de um templo.

A pedra fundamental foi lançada em 12/01/1912, quando se comemoravam 50 anos de organização da 1ª Igreja Presbiteriana do Brasil. O templo foi construído pelo Comendador Antonio Jannuzzi e inaugurado no dia 20 de setembro de 1913 e a organização da Igreja aconteceu no dia seguinte, 21 de setembro de 1913.

Estrela

Congregação da Estrela, na casa de D. Alexandrina da Silva, que ofereceu a sala de sua casa para as reuniões. A comissão missionária do Esforço Cristão é quem estava à frente.

Inhaúma

Em 1909, foi o início da Congregação de Inhaúma, que se reunia na casa dos irmãos João e José de Freitas, na Rua Emília.

A comissão missionária do Esforço Cristão dirigia as reuniões aos domingos e às terças-feiras à noite, contando com a participação de membros da Igreja do Rio que residiam no bairro, um total de doze adultos. O Rev. Franklin do Nascimento também deu apoio neste período.

Em 1914, a jurisdição da congregação foi transferida para a Igreja Presbiteriana do Riachuelo. A pedra fundamental do templo foi lançada em 1915, na Rua Itaparica. Em 1939, iniciou construção de novo templo na Rua Emília, onde está até hoje. A Igreja foi organizada em 15 de novembro de 1933. (Encarte, 19/08/2012)

Bananal de Itaguaí (Seropédica)

Fruto da iniciativa do Esforço Cristão, começaram as atividades em 1911. Em 1919, já tinham templo e um grupo de 40 membros. Em 1924, registrava-se a suspensão das atividades.

Anchieta

Também por iniciativa do Esforço Cristão, começaram atividades em 28 de fevereiro de 1912, na casa do Diácono Olympio Costa. Em setembro daquele ano, iniciaram a escola dominical. Durante muito tempo, foi conhecida por congregação Le Balleur, uma referência ao huguenote que veio com a expedição de Villegagnon, 1º mártir do protestantismo no Brasil.

Álvaro Reis escreveu livro, “o Martir Le Balleur”, sustentando que sua execução, em 1567, teve o incentivo de José de Anchieta. Recusando-se a dar o nome do bairro à congregação, Álvaro Reis preferiu dar o nome do mártir.

A Comissão Missionária do Esforço Cristão sustentava a congregação revezando os seus diversos pregadores: Firmino Borges, Alcino Demby, Trajano Barbosa Barros, Olympio Costa, Christiano Faria, Cypriano Faria, Mario Pinto de Souza, Domingos Nogueira, Caetano Carlos da Cunha, Abdias Nobre, Luiz Lens de Araújo César e outros. Colaborou também, a partir de 1921, o Rev. Américo Cardoso de Menezes.

Em 1920, foi adquirida uma propriedade na Rua Vinte e Quatro, tendo início nesta época uma Escola Paroquial, sob os cuidados de Zulmira Torres, para ensinar as crianças a ler e escrever. A Igreja foi organizada em 08 de Fevereiro de 1936.

Fontinha

O Esforço Cristão iniciou as atividades em 1912. No dia 24 de fevereiro de 1913, inaugurava-se o templo. Esteve sob os cuidados do Rev. Belmiro César.

Santa Cruz

Iniciada em 1912, por pedido de novos membros da Igreja mãe, vindos da Igreja Batista. Começou com o auxílio do Rev. Laudelino de Oliveira e do presbítero José de Assunção Macedo. Iniciaram logo com culto aos domingos e escola dominical. Funcionava na casa de José Raymundo Aragão, na Rua Boa Vista nº 01.

Em 1917, sob a liderança do Rev. Belmiro César, já tinham local próprio para seu funcionamento. Em 05 de março de 1933, foi organizada a igreja. (Igreja Presbiteriana de Santa Cruz –site)

Ipiranga (Barra do Pirai)

Também ali, em 1912, foram recebidos, a pedido, na Igreja mãe, oito membros, vindos da Igreja Batista. Também compunham o rol, dois adultos e três crianças da Igreja Luterana de Juiz de Fora e dois adultos por profissão de fé e batismo. Iniciou, então, com 15 pessoas. Em 1914, passou aos cuidados da Igreja Presbiteriana de Valença, sob o pastorado do Rev. Omero Omegna.

Taquara (Jacarepaguá)

Ainda numa fazenda do Barão de Taquara, em 1913, foi iniciado por dois membros do Esforço Cristão. Foi visitada pelo Rev. Álvaro, em agosto daquele ano, que recebeu quatro adultos por profissão de fé e batismo, batizando cinco crianças. Liderava o trabalho Pio Vicente Maia.

No dia 15/08/1915, organizaram a escola dominical. Ali pregavam Pb José Assunção, José Duque Estrada e Manoel Vieira. Em 1924, foram interrompidas as atividades.

Inharajá (Turiaçú)

Era um bairro ao redor da antiga estação de trem de Magno (Hoje Mercado de Madureira). Com o passar do tempo, o bairro foi integrado ao atual bairro de Madureira e é hoje conhecido como Turiaçú.

Ali, em julho de 1913, começou a funcionar uma escola dominical por iniciativa de José Duque Estrada, em sua própria casa na Rua Flausina, 36. Este era mais um dos missionários leigos. O início foi com seis adultos e onze crianças. No ano seguinte, já realizavam cultos aos domingos e às quintas, sempre às 19h. A escola dominical já contava com três classes com um total de 55 alunos. Havia também uma escola primária para os moradores.

Em 1915, a escola dominical já somava 162 alunos distribuídos em seis classes. Ali estiveram pregando o Rev. Belmiro de Araújo César, seminarista Guilherme Kerr e os missionários do Esforço Cristão: Pb. Cristiano de Faria, Pio Maia, Pb. José Assunção e Cypriano de Faria.

Em 13 de maio de 1914, foi organizada a sociedade de senhoras; em 03 de maio de 1915, a sociedade de Esforço Juvenil.

Em 1917, já haviam comprado terreno para construção do templo na Estr. do Otaviano, 90. A Igreja foi organizada em 06 de março de 1932 e o templo inaugurado em 15 de novembro de 1933. (PEREIRA, 2012a)

Ramos

Em 1913, um grupo de membros da Igreja presbiteriana do Riachuelo começou a reunir-se na Rua Major Rego, 38, casa de Eduardo Augusto de Mendonça sob a liderança do Rev. Franklin do Nascimento. Por motivo de enfermidade do Rev. Franklin, o ponto de pregação passou para a liderança do Rev. Belmiro César.

Em 1914, já possuía bom terreno para construir um templo. Em 14/02/1915, iniciou a escola dominical com oito alunos. Em dezembro do mesmo ano, já contava com 50 alunos, distribuídos em quatro classes e com frequência média de 20 a 25 alunos por domingo.

Em 7 de setembro de 1922, foi organizada a igreja e em 1929 foi lançada a pedra fundamental do templo. (PEREIRA, s/d)

Maxambomba (Nova Iguaçu)

Foi criada em 1914, por causa de um abaixo assinado de membros de várias denominações da região.

Reuniam-se na sala da casa de Anna Maria da Costa. Álvaro Reis passou a pregar ali quinzenalmente, recebendo sempre mais de 60 pessoas para ouvi-lo.

Em 16/07/1915, organizaram a sociedade de senhoras. Naquele ano, a escola dominical já contava com 30 alunos.

Pregavam ali, além de Álvaro Reis, os missionários leigos: Pb. Cristiano Faria, José Duque Estrada, Ascanio Lobo e Stenio Machado.

Realengo

Em Dezembro de 1914, um grupo se reuniu na casa de Vicente Alves de Oliveira, na Rua Lino de Moraes, 141.

No ano seguinte, o ponto de pregação foi assumido pelo Esforço Cristão, que deu início à escola dominical. A sociedade de Senhoras foi organizada em 26 de julho de 1916.

Em 1917, agora na condição de congregação, já possuíam um terreno para a construção do templo na Rua Manaus.

Em 1923, estava liderando a congregação o Rev. Américo Cardoso de Meneses, sendo auxiliado por João Pereira da Silva. Lançaram a pedra fundamental do templo em 1925, ano de falecimento de Álvaro Reis. Finalmente, em 15 de dezembro de 1929 foi inaugurado o templo na Rua Manaus,22. A Igreja só veio a ser organizada em 09 de agosto de 1931. (PEREIRA, 2012, encarte)

Tomás Coelho

Manoel Joaquim de Faria iniciou em 1914, em sua própria casa, o ponto de pregação e a escola dominical. Em 1916, ele doa a própria casa para abrigar a congregação. A sociedade de senhoras foi organizada em 25 de julho de 1917. Em 1921, assumiu a condução da congregação o Rev. Victor Coelho de Almeida e a igreja foi organizada em 8 de setembro de 1922. (PEREIRA, s/d)

Engenheiro Neiva (Nilópolis)

Em 1914, surgia um pequeno povoado em São Matheus, ligado a São João de Meriti. Na verdade, uma fazenda que fora loteada. Em 1915, o lugarejo foi denominado Engenheiro Neiva, em homenagem aquele que, no ano anterior, havia construído e inaugurado a estação de trem . Este povoado deu origem à cidade de Nilópolis. (Prefeitura de Nilópolis- a cidade-história, 2014)

Ali, em 24/03/1916, Augusto Aparecido de Oliveira abriu um ponto de pregação em sua casa, sendo auxiliado pelo missionário leigo Olympio Costa. Ainda na fase inicial, recebeu colaboração do Rev. Américo C. de Menezes, que também era responsável pelas congregações de Nova Iguaçu, Tomás Coelho, Madureira e Bananal de Itaguay.

Em 14 de Julho de 1919, foi inaugurado o templo. Fruto da dedicação do Esforço Cristão. Ali funcionou também uma escola Paroquial com cerca de 30 alunos.

Madureira

Em 4 de agosto de 1916, na Rua Firmino Fragoso, nº 15 iniciou-se o ponto de pregação, sob responsabilidade de Adalberto Tavares Americano. A escola dominical começou a se reunir em 12 de novembro do mesmo ano, com duas classes com 25 alunos matriculados.

A liderança deste ponto de pregação era do Esforço Cristão. Colaboraram o diac. Alcindo Demby Correia, o Rev. Álvaro Reis e o Rev. Américo Cardoso, desde 1920, além da

profr^a. Dolores Vargas, com uma escola paroquial, que foi organizada ali. Em 1921, pastoreou o grupo o Rev. Victor Coelho de Almeida. No mesmo ano, organizou-se ali a Sociedade do Esforço Cristão. A pedra fundamental do templo foi lançada em 13 de maio de 1924 e a igreja organizada em 01 de maio de 1926 (PEREIRA, s/d)

Ilha do Governador

Em 02 de janeiro de 1916, Otaviano Barbosa Macedo abriu as portas da sua casa na praia da Guanabara, 479, para uma escola dominical, que acolhia 17 crianças. Em 1917, já havia 39 alunos. Foi em 25 de outubro deste ano que Álvaro Reis dirigiu ali o primeiro culto. O acesso era através de barcas a vapor que atracavam no bairro da Freguesia, bem próximo ao local da congregação.

No final de 1917, com a mudança da família do Sr. Otaviano para fora da Ilha, a congregação passou para a casa do Sr. Antônio Fernandes, na praia da Guanabara, 365, permanecendo ali até final de 1918. Em 1919, passou para a liderança do Sr. José Martins e se reunia na praia da Guanabara, 329.

A mãe do advogado Carlos Bastos frequentava a congregação e ele resolveu doar um terreno na Rua de Cima (atual Comendador Bastos) para a construção do templo. A obra iniciou-se em 14 de julho de 1920, sendo inaugurado em 12 de outubro de 1922, em culto dirigido pelo Rev. Álvaro Reis, com participação de mais de 1000 pessoas.

Mais um dos missionários leigos assumiu a liderança, o Pb. Alcino Demby, em dezembro de 1920. A congregação continuou crescendo. Em julho de 1943, foi designado o Rev. João Marques da Mota Sobrinho, o primeiro missionário da IPB, que esteve em Portugal. Em 12 de setembro de 1948, foi organizada a igreja. (PEREIRA, s/d; <http://www.ipig.org.br>, acessado em: 01/06/2014).

Bento Ribeiro

Surgiu como extensão da congregação de Fontinha. Buscando um local mais próximo à estação do trem, iniciaram reuniões na casa de Francisco Martins de Almeida, em novembro de 1920.

O ponto de pregação mudou-se três meses depois para a residência do casal Antenor Cardoso da Cruz e Delfina Cruz. Em 12 de outubro de 1921, passa à condição de congregação, assumindo a liderança o Pb. José de Assumpção Macedo, missionário leigo,

que havia adquirido e adaptado um imóvel na Rua João Vicente, 1145, fazendo a doação do mesmo para uso da congregação.

Em 1922, é enviado para lá o Rev. Victor Coelho. Em 1925, havia cultos às quartas e aos domingos às 19h além da escola dominical com cerca de 130 alunos e sociedade de senhoras e um coral. A igreja foi organizada em 23 de março de 1930. (PEREIRA, Histórico, s/d)

O Historiador Nelson de Paula Pereira (PEREIRA, 2012) relaciona um total de 58 localidades no Rio e fora do Rio, onde se instalou um ponto de pregação, congregação ou escola dominical no período do pastorado do Rev. Álvaro Reis.

Além dos já citados, também constam os seguintes:

- 26 de maio
- Barros Filho
- Belo Horizonte/MG
- Bonfim
- Brás de Pina
- Campo Grande
- Vila Cascadura
- Encantado
- Governador Portela
- Jacaré
- Largo do Barradas – Niterói
- Marechal Hermes
- Méier
- Morro da Glória
- Morro do Livramento
- Morro do Pinto
- Osvaldo Cruz
- Pedra de Guaratiba
- Pedro do Rio
- Pelotas/RS
- Penha

- Presidente Barroso
- Quilombo
- Sampaio
- Sapopemba
- Santa Rosa
- Santa Tereza
- Santíssimo
- São Francisco Xavier
- São João da Cristina
- São João de Meriti
- São Luiz Gonzaga (Rua S. Luiz Gonzaga)
- Sardoal – Paraíba do Sul
- Sertão
- Tribobó – São Gonçalo
- Vera Cruz

O Historiador Nelson de Paula Pereira (PEREIRA, 2012) relaciona um total de 58 localidades no Rio e fora onde foi instalado um ponto de pregação, congregação ou escola dominical no período do pastorado do Rev. Álvaro Reis.

Concluimos que a intensa atividade dos leigos missionários do Esforço Cristão da Igreja Presbiteriana do Rio possibilitou a implantação e suporte de inúmeros pontos de pregação, congregações e escolas dominicais espalhados por subúrbios, bairros da zona norte e zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Num momento em que a cidade se reorganiza em seu espaço geográfico, definindo seus bairros e regiões, com o avanço para o subúrbio pelos trilhos do trem, zona norte e zona sul pelos trilhos do bonde. O Rev. Álvaro Reis mobiliza a membresia, buscando casas que abram suas portas para receber vizinhos e realizar os cultos e aulas de escola dominical. Os sócios do Esforço Cristão são promovidos a missionários leigos. Os presbíteros e diáconos a pregadores. Revezam-se, partindo em todas as direções onde os pontos e congregações vão se formando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Rev. Álvaro Reis teve o privilégio de manter contato com a geração de missionários que dava continuidade ao pioneirismo de Simonton, Blackford e Conceição e desbravava ainda as muitas terras do interior de São Paulo e Minas. Foi discípulo do Rev. John Boyle, aprendeu aos pés do Rev. Edward Lane, viajou com o Rev. Caetano Nogueira organizando igrejas de São Paulo até Goiás. Conheceu o homem do campo, visitou sítios e fazendas, cruzou estradas poeirentas por léguas e mais léguas no lombo do cavalo, cuidou de igrejas na roça, se desdobrando para atender várias ao mesmo tempo. Conheceu a carência de pastores no meio rural, com tantas comunidades já organizadas precisando de assistência.

A habilidade com as palavras e o carisma diante dos auditórios o acompanharam por toda a vida e lhe deram fama, que o antecedia por onde passasse. Por causa de sua eloquência foi lembrado pelos membros da igreja mãe, no Rio de Janeiro. Ali pregara apenas uma vez. Foi suficiente para causar boa impressão.

Já eleito na igreja da capital, oito anos apenas depois da Proclamação da República, encontrou realidade bem diferente do presbitério de onde vinha. O novo regime dava os seus primeiros passos e a Igreja, que não era mais a oficial, ainda se lamentava o fim do padroado e os bons tempos de proteção no Império. Os protestantes lutavam com unhas e dentes para garantir seu espaço e ampliar a liberdade que chegou com o novo regime. Era uma disputa por espaço e para ser ouvido. Foi um período difícil também por causa da perseguição religiosa que ocorria em diversas regiões do país. O Rev. Álvaro foi um defensor da causa protestante no contexto de conquista de maior liberdade religiosa. Ao mesmo tempo um apologeta que disputava com o catolicismo romano, através do púlpito da igreja, dos artigos nos jornais seculares e no Puritano e com os livros e folhetos espalhados por toda parte.

Passou a ser reconhecido na denominação por sua postura convicta e seu discurso afiado. Foi o primeiro moderador da Assembleia Geral da IPB e, de imediato, enviado para visitar as assembleias das duas igrejas presbiterianas nos Estados Unidos, em busca de ajuda. Na mesma viagem visitou também as agências missionárias do sul e do norte dos EUA, participou do congresso de Escolas Dominicais em Washington, da Conferência Mundial de Missões em Edimburgo, e estabeleceu a base missionária presbiteriana em Portugal.

Seis anos depois estava representando as igrejas nacionais no Congresso do Panamá. Nesse tempo já tinha estabelecido sua base de missões urbanas e estabelecido o plano de expansão da Igreja Presbiteriana do Rio. Enxergava futuras igrejas nos bairros e subúrbios do Rio e se lançou num projeto de motivação dos leigos.

Um movimento missionário de leigos já havia sido deflagrado nos Estados Unidos. Com a YMCA, o Movimento Estudantil Voluntário e o Esforço Cristão, principalmente os jovens começaram a querer ir para África, Índia e outros países distantes. Outros queriam fazer missões urbanas. A onda bateu por aqui também e a ACM foi organizada no Rio de Janeiro, o Esforço Cristão também chegou à Igreja Presbiteriana.

Através da Associação do Esforço Cristão, Álvaro Reis elaborou sua estratégia para expandir a pregação protestante no Rio. Ao contrário da área rural onde os obreiros preparados são escassos e os missionários e pastores precisam se desdobrar, na capital a oferta de mão de obra é abundante. Além dos presbíteros, tinham os associados. Não são pastores, mas podem ser capacitados para tornarem-se missionários urbanos. Também não era necessário ter templos. As casas poderiam abrigar o grupo inicial da futura igreja. Eram os pontos de pregação que evoluíam para congregações, futuras igrejas. Como os membros da igreja vinham de todas as partes, suas casas seriam os núcleos para irradiar a pregação.

Assim, os membros da igreja foram convidados para abrir suas casas e os associados do Esforço Cristão foram enviados para pregar. O resultado é que cerca de 58 pontos de pregação foram estabelecidos e diversas igrejas iniciadas. Muitas foram organizadas muitos anos depois, mas permanecem até hoje.

Neste trabalho demonstramos que O Rev. Álvaro Reis, com sua liderança e carisma conseguiu reunir apoio em sua igreja para um projeto de missões urbanas que foi desenvolvido ao longo do seu pastorado de 28 anos.

Através da pesquisa descobrimos o quanto os movimentos missionários e paraeclesiais de leigos na segunda metade do séc. XIX contribuíram para um implemento do movimento missionário internacional e local.

A Igreja Presbiteriana do Rio passou a contar com o Esforço Cristão. Esta entidade contribuía não somente para fortalecer os projetos internos da igreja, como para pregação externa.

Também conseguimos perceber ao longo da pesquisa que os pontos de pregação e congregações criados nas casas dos membros da igreja formaram núcleos doutrinários nos

subúrbios e demais bairros do Rio de Janeiro, sendo assistidos pelos leigos do Esforço Cristão, incluindo todos os presbíteros da igreja.

Os registros dos relatórios de Álvaro Reis e os históricos das igrejas hoje existentes nos demonstram que aqueles núcleos prosperaram. Comprovaram-se eficientes os métodos através do esforço dos leigos, sob a orientação do Rev. Álvaro Reis.

Muitos aspectos não puderam ser aprofundados. Deixamos aqui, para futuras investigações e pesquisas, algumas perguntas que explicitam os aspectos não aprofundados.

Que rumos tomaram os movimentos de leigos que surgiram com tanta intensidade e moveram tantos jovens para os campos missionários? Podemos afirmar que o Movimento Estudantil Voluntário foi de fato precursor do ecumenismo na forma como observamos hoje?

Outros projetos e realizações de Álvaro Reis não foram mencionados. Com certeza temos em sua vida como pastor, líder e evangelista muitos detalhes que preencheriam uma excelente biografia.

Faltou investigar o movimento de cooperação, que teve como grande interessado e incentivador o Rev. Erasmo Braga, contemporâneo de Álvaro Reis. Ele apreendeu o espírito de Edimburgo e Panamá, porém, mantendo-se ao lado das lideranças protestantes no Brasil que não conseguiam enxergar possibilidade, naquele momento, de aproximação com o catolicismo romano.

De que forma o leigo hoje exerce o seu papel na igreja? Poderíamos fazer um paralelo entre aquele momento produtivo e o momento atual do protestantismo brasileiro? Que influências permanecem e podem ser observadas?

Deixamos aqui estas questões iniciais, aguardando oportunidade para poder retomar estes temas, lançando nesse trabalho o desafio para um aprofundamento por parte de outros pesquisadores.

BIBLIOGRAFIA

1ª Igreja Presbiteriana de Niterói, Boletim Dominical, 17 de fevereiro de 2013

A Brief History of Christian Endeavor. Disponível em: <<http://worldsunion.org/history>>. Acessado em: 14/12/2013

BAÍA, Anderson da Cunha. **Associação Cristã de Moços no Brasil : um projeto de formação moral, intelectual e física (1890-1929)**. Tese de Doutorado - UFMG/FaE, 2012

BOSCH, D. J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 2002

BRAGA, Erasmo. **Pan-Americanismo: Aspecto Religioso. O relatório e interpretação do Congresso de Ação cristã na América Latina**. Nova York, Sociedade de Preparo Missionário Funcionando nos Estados Unidos e Canadá, 1916

BRASIL. **Constituição Política do Império do Brasil (de 25 de março de 1824)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao24.htm>. Acessado em: 16/06/2013

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 24 de Fevereiro de 1891)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao91.htm>. Acessado em: 16/06/2013

FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da civilização brasileira. Tomo III – O Brasil Republicano**. São Paulo, DIFEL, 1977

FERREIRA, Júlio Andrade. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil I Vol.(2ª ed.)**, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1992

_____. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil, v. 2: da formação da Igreja Presbiteriana Independente até os nossos dias**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960

GADELHA, Irene Frossard, PAULA, Nelson de. **100 Anos de Bênçãos e Trabalho**. Rio de Janeiro: Instituto Presbiteriano Álvaro Reis de Assistência à criança e ao adolescente. Ed. Própria, 2010

GOMES, Antonio Maspoli de Araújo. **Religião Educação e Progresso**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000

GOMES, Laurentino, **1889**. São Paulo: Globo, 2013

GREENWAY, Roger. **Apóstoles a la ciudad. Estratégias bíblicas para la misión urbana**. Grand Rapids, Michigan: Libros desafio. 1996

HAHN, Carl Joseph, **História do Culto Protestante no Brasil**. São Paulo, ASTE, 1984

Igreja Presbiteriana da Ilha do Governador, História, sessão Quem Somos. Disponível em: <http://www.ipig.org.br>, acessado em: 01/06/2014

Igreja Presbiteriana de Santa Cruz, sessão Quem somos. Disponível em: <http://www.ipbsantacruz.org.br/quemsomos.html>. Acessado em: 02/06/2014

LÉONARD, Émile-G. **O iluminismo num protestantismo de constituição recente**. São Bernardo do Campo: IMES (UMESP), 1988.

_____. **O Protestantismo brasileiro. Estudo de eclesiologia e história social**. São Paulo: ASTE, 2002

LESSA, Vicente Themudo. **Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo**, São Paulo: Cultura Cristã, 2010

LINTHICUM, Robert C. **Revitalizando a Igreja - Como desenvolver sua igreja para um ministério urbano efetivo**. São Paulo: Editora Bompastor. 1996

LONGUINI NETO, Luiz, **O Novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano**. Viosa, Últimato, 2002

MATOS, Alderi Souza de. **Os Pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900)**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004

_____. **Breve História do Protestantismo no Brasil**. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/6994.html>. Acessado em 01/04/2012a.

_____. **Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil**. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/7102.html>. Acessado em 01/04/2012b.

_____. **O Púlpito Evangélico**. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/10239.html>. Acessado em 01/04/2012c

_____. **Simonton e as Bases do Presbiterianismo no Brasil**. <http://www.mackenzie.br/7148.html> Acessado em 01/04/2012d

_____. **Síntese Histórica da Igreja Presbiteriana do Brasil**. <http://www.mackenzie.br/7088.html>. Acessado em 01/04/2012e

_____. **Presbiterianismo no Brasil. Presbíteros – Jorge Frederico Baker** - Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/10200.html>. Visualizado em 13/05/2014

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir: A inserção do Protestantismo no Brasil**. Sao Paulo, Ed. Paulinas, 1984

_____. **O movimento ecumênico no século XX – algumas observações sobre suas origens e contradições**. Rio de Janeiro. Tempo e Presença Digital. Seção Artigos. Ed. 12, Ano 3. Publicado em 23/09/2008. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=236&cod_boletim=13&tipo=Artigos. Acessado em: 14/11/2013

_____ **Protestantes, pentecostais e ecumênicos.** São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

MENDONÇA, Antonio Gouvea; VELASQUES, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil,** São Paulo, Ed. Loyola, 1990

MOTA, Helios. **Síntese Histórica. Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro – Primeiro Centenário. 1862 – 1962.** Rio de Janeiro, Edição própria, 1962

MOTT, John R. **The Evangelization Of The World In this Generation.** New York: Student Volunteer Movement for Foreign Missions. 1900

MOTT, John R. **The Student Movement - The History and Organization Of the Student Volunteer Movement For Foreign Missions** - August, 1889. Disponível em: <http://www.thetravelingteam.org/historicalbasis/student-movement>, acessado em 10/03/2014

PEREIRA, Nelson de Paula. **O pastorado do Rev. Álvaro Reis (1897-1925). História da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro – 1862-2012.** Rio de Janeiro, Publicação comemorativa do Sesquicentenário, 2012

_____ **Histórico da Igreja Presbiteriana de Realengo.** Encarte Boletim dominical da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, 09/08/2011

_____ **Histórico da Igreja de Turiaçu.** Encarte Boletim dominical da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, 15/07/2012a

_____ **Histórico da Igreja de Inhaúma.** Encarte Boletim dominical da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, 19/08/2012b

_____ **Histórico da Igreja Presbiteriana de Madureira.** Encarte Boletim dominical da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, s/d

_____ **Histórico da Igreja Presbiteriana da Ilha do Governador.** Encarte Boletim dominical da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, s/d

_____ **Histórico da Igreja Presbiteriana de Ramos.** Encarte Boletim dominical da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, s/d

_____ **Histórico da Igreja Presbiteriana de Tomás Coelho.** Encarte Boletim dominical da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, s/d

Prefeitura de Nilópolis- a cidade-história. Disponível em: www.nilopolis.rj.gov.br/a-historia. Acessado em 20/06/2014)

RAMOS, Ariovaldo. **Ação da Igreja na cidade.** São Paulo: Hagnos, 2009

READ, William R. **Fermento Religioso nas Massas do Brasil,** Campinas, SP Livraria Cristã Unida, 1967

- REILY, Duncam A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo, ASTE, 1984
- REIS, ÁLVARO. **A Vitória da Fé**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1959
- _____. **O Casamento Religioso**. Rio de Janeiro, Oficinas do Jornal do Brasil, 1897
- _____. **O Clamor das pedras – sermão**. Rio de Janeiro, Oficinas do Puritano, 1901
- _____. **O Espiritismo**. São João Del Rei, Casa Editora Presbiteriana, 1901
- _____. **As conferências do Padre Julio Maria: Refutações**. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Morais, 1908
- _____. **O Mimetismo Católico**. Rio de Janeiro: Oficinas do Puritano, 1909
- _____. **O Cálix Eucarístico**. Rio de Janeiro: Oficina Tipográfica do “Puritano”, 1912
- _____. **As sete palavras da cruz**. Rio de Janeiro: Casa do Brasil, 1917
- _____. **O martyr Le Balleur**. Rio de Janeiro, s/ed, 1917
- _____. **Origens Caldaicas da Bíblia**. Rio de Janeiro: Redação do Puritano, 1918
- RIBEIRO, Boanerges. **Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)**. São Paulo, O Semeador, 1991
- _____. **Protestantismo e Cultura Brasileira - Aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil**, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1981
- RIBEIRO, Domingos. **Polyanthea**. Rio de Janeiro, Papelaria Moderna, 1925
- ROCHA, Oswaldo Porto; CARVALHO, Lia de Aquino. **A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro 1870-1920; Contribuição ao estudo das habitações populares: Rio de Janeiro 1886-1906**. Rio de Janeiro, Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1995
- SCHAFF, D. **A nossa crença e a de nossos pais**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1946.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord.). **História do Brasil Nação – Vol 3, A abertura para o Mundo 1889-1930**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2012
- SANTOS, Leonardo Soares. **Os subúrbios do Rio de Janeiro no início do século XX**, MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12, (jul./dez), 2011. Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó - Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>. Acessado em: 12/03/2014
- SILVA, Fernando Nascimento (org.). **Rio de Janeiro em seus quatrocentos anos. Formação e desenvolvimento da cidade**. Rio de Janeiro, Distribuidora Record, 1965
- SILVA, Wilson Santana. **O Pensamento Social, o Brasil e a Religião**. São Paulo: PUC, 2009. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SIMONTON, Ashbel Green. **Os meios necessários e próprios para plantar o reino de Jesus Cristo no Brasil**. Rio de Janeiro, Secretaria de Evangelização do Sínodo do Rio de Janeiro, 1994

SOUZA, Nelson. **Aspectos mais salientes da personalidade e da obra do Rev. Álvaro Reis**. Rio de Janeiro, jornal Arauto Cristão, Março de 1953.

SOUZA, Silas Luiz de. **Pensamento Social e político no Protestantismo brasileiro**. São Paulo, Editora Mackenzie, 2005

TUCKER, R. A. **"...Até os confins da terra" Uma História Biográfica das Missões Cristãs**. São Paulo: Vida Nova, 1986

VIEIRA, David Gueiros, **O Protestantismo, a Maçonaria e a questão religiosa no Brasil, Brasília**, Ed. da UNB, 1980

WEID, Elisabeth von der. **O bonde como elemento de expansão urbana no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=191&ID_M=410. Acessado em: 07/05/2014

World's Christian Endeavor Union – History. Disponível em: <http://worldsceuion.org/history> acessado em 14/12/2013

JORNAIS

O Puritano, nº 527, 20/01/1910

O Puritano, nº 554, 21/07/1910

Puritano, nº 1257, 24/07/1924

Jornal O Estandarte, nº 27, 08/07/1893

Jornal O Estandarte, nº 28, 15/07/1893

Jornal O Estandarte, nº 29, 22/07/1893

Jornal O Estandarte, nº 30, 29/07/1893

Jornal O Estandarte, nº 36, 09/09/1893

Jornal O Estandarte, nº 37, 16/09/1893

Jornal Correio da Manhã, 25/09/1901

O Jornal, Ed. 1435, 12/09/1923

O Jornal, Ed 1440, 18/09/1923

ATAS

Atas da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, 25/06/1896

Atas da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, 10/05/1897

Atas da Associação de Propaganda da Igreja Presbiteriana da Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil – 18/08/1898 a 27/02/1905

Atas da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil. Rio de Janeiro, Tipografia do “Puritano”, 1910

RELATÓRIOS

Narrativa do Movimento espiritual e financeiro da igreja - 1897. Rio de Janeiro, Imprensa Comercial G.G. Baker, 1898

Narrativa do Movimento Espiritual e Financeiro da Igreja - 1898. Rio de Janeiro: Papelaria Macedo. 1899

Narrativa do Movimento Espiritual e Financeiro da Igreja Evangélica Presbiteriana do Rio de Janeiro durante o ano de 1899. Rio de Janeiro, Papelaria Macedo, 1900

Relatório do movimento espiritual e financeiro da igreja evangélica presbiteriana do Rio de Janeiro - 1901. Rio de Janeiro, Papelaria Luiz Macedo, 1902

Relatório do movimento espiritual da igreja evangélica presbiteriana do Rio de Janeiro - 1906. Typografia da papelaria Brazil, Rio de Janeiro, 1907

Relatório do movimento espiritual da Igreja evangélica Presbiteriana do Rio de Janeiro – 1907: Rio de Janeiro, Typografia da papelaria Brazil, 1908

Relatório do movimento Espiritual e Financeiro da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro - 1910: Rio de Janeiro, Casa Publicadora Metodista, 1911

Relatório do movimento Espiritual e Financeiro da Igreja Evangélica Presbiteriana do Rio de Janeiro - 1911: Rio de Janeiro, Papelaria Brasil, 1912

Relatório do Movimento Espiritual e Financeiro da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro - 1917. Rio de Janeiro, s/Ed.. 1918

Relatório do Movimento Espiritual e Financeiro da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro - 1918. Rio de Janeiro, Tipografia Pimenta de Mello & Cia. 1919

Relatório do Movimento Espiritual e Financeiro da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro – 1919 e 1920. Rio de Janeiro, Tipografia e Papelaria Marques Araujo & Cia. 1922

Relatório do Movimento Espiritual e Financeiro da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro – 1924. Rio de Janeiro, Papelaria Moderna, 1925